

Contos

vencedores e
menções honrosas

2021

Título

Contos vencedores e menções honrosas – Contos do Dia Mundial da Língua Portuguesa 2021

Editora

Porto Editora, em colaboração com o Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. e o Plano Nacional de Leitura

Porto Editora

Departamento Internacional

 Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto, Portugal

 Tel.: (+351) 226 088 314
Fax: (+351) 226 088 315

 depinternacional@portoeditora.pt

Contos

vencedores e
menções honrosas

2021

Aos leitores

A língua portuguesa é, sabemo-lo bem, o nosso maior património, a nossa identidade, o elo mais forte da nossa relação com o mundo. Por isso, é compreensível o orgulho que sentimos quando percebemos a presença da nossa língua nas mais variadas latitudes, e quando percebemos que cidadãos das mais variadas geografias se interessam por conhecer e estudar a língua portuguesa.

Quando a Porto Editora, o Instituto da Cooperação e da Língua (Camões, I.P.) e o Plano Nacional de Leitura (PNL2027) se juntaram para criar o concurso literário Contos do Dia Mundial da Língua Portuguesa, uma iniciativa inédita com o objetivo maior de promover a nossa língua no mundo, havia a expectativa de saber se estudantes de portugueses no estrangeiro se sentiriam motivados para expressarem a sua voz criativa e literária numa língua não materna. A elevada quantidade e a qualidade dos trabalhos que recebemos foi reveladora desse interesse, confirmando, ao mesmo tempo, a pertinência deste concurso.

A primeira edição foi um enorme sucesso, e, para o comprovar, aqui se reúnem os trabalhos premiados pelo (exigente) júri, cuja leitura recomendamos vivamente.

Aos vencedores e aos merecedores de menções honrosas, as nossas renovadas felicitações pelos méritos apresentados; a todos os participantes, o nosso reconhecimento público por terem comprovado que há inúmeras e interessantes vozes literárias a quererem expressar-se em português.

A segunda edição deste concurso literário já está a arrancar. A 5 de maio de 2022, voltaremos a celebrar da melhor forma o Dia Mundial da Língua Portuguesa.

As entidades organizadoras,
Porto Editora
Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.
Plano Nacional de Leitura

Vencedores

<i>O herói do Jurássico</i>	9
Julija Bambalaite-Garcia da Silva	
<i>Árvore de vidro</i>	14
Sofia Vincent	
<i>Aquele que queria encontrar a sua própria história</i>	18
Iris Herlent	
<i>Uma visita mágica numa cidade... numa cidade</i>	23
Tomasz Malinowski	
<i>Náufrago</i>	28
José Luís Termenón Pintos	

Menções honrosas

<i>Os amigos e o polvo gigante</i>	37
Brayden Duarte	
<i>O comboio-fantasma</i>	42
Élise Dos Santos Astruc	
<i>Medroso</i>	46
Diego Badolato Viala	
<i>A menina do guarda-chuva amarelo</i>	51
Sofia Ramos Dias	
<i>O Renascimento</i>	56
Chloé Carrière	
<i>Na onda da Esperança</i>	60
Tanguy Leveaux	
<i>O bunker de todos os segredos</i>	66
Emma Faure	
<i>Licor de livros</i>	72
João Pedro Gomes Nogueira Monteiro	
<i>Além das fronteiras</i>	78
María Inés Simon	
<i>Rosa-azulado azul-rosado</i>	84
Louise Lesage	

Vencedores



Categoria: Infantil-Juvenil, níveis A1-A2

Autora: Julija Bambalaite-Garcia da Silva, França

O herói do Jurássico

Os pais do Tomás estavam sempre ocupados a trabalhar. Mesmo aos sábados e aos domingos, eles nunca largavam o computador. O Tomás passava os dias no quarto a ler histórias de reis, batalhas e conquistas. Sentia-se muito sozinho e já nem sequer podia falar com o seu cão, desaparecido dias antes. Foi a coisa mais triste que lhe aconteceu na vida. Às vezes, ele olhava pela janela redonda que dava para o jardim pelado e cheio de buracos, apenas com alguns tufos de erva, estendendo-se até à vedação, sem um único lugar onde ele pudesse brincar. Do outro lado, o relvado dos vizinhos brilhava como um lago verde. No meio desse belo jardim existia uma velha árvore. O Tomás julgava ser um carvalho, mas não tinha a certeza. No maior galho estava pendurado o baloiço mais bonito do mundo, onde os filhos do vizinho, a Marie e o

Jean – um casal de gémeos que andava com o Tomás no segundo ano da escola primária que ficava ao fim da rua, costumavam brincar. Os pais do Tomás não gostavam dos vizinhos porque eles tinham vindo de outro país e falavam de uma maneira esquisita. Quando eles brincavam no baloiço, o Tomás não via neles nada de estranho e, embora não compreendesse o que diziam, pareciam meninos normais.

O baloiço era extraordinário. Parecia a cadeira de um carro de corrida. O sonho do Tomás era sentar-se naquele baloiço, atingir a velocidade da luz e sair disparado em direção às estrelas.

No dia em que tudo aconteceu, era manhã cedo e o Sol ainda estava meio a dormir. O Tomás acordou sem vontade de ler, pois já conhecia aquele livro de cor e salteado. Então olhou pela janela e viu o tal baloiço dos seus sonhos. Ele não sabe bem o que lhe deu. Normalmente, era um menino medroso, mas, naquele momento, ele abriu a janela, saltou para o jardim enlameado, escalou a vedação e penetrou no jardim dos vizinhos.

A vila ainda estava adormecida. O Tomás sentou-se no baloiço e, com todas as suas forças, abanou as pernas até atingir a velocidade máxima, vendo as casas e as outras árvores quase de pernas para o ar.

Foi então que aconteceu uma coisa difícil de acreditar. O tronco da árvore iluminou-se e surgiu uma pequena porta. O Tomás, que naquela manhã esquecera todos os medos, aproximou-se dela, e a porta abriu-se sem que ele chegasse a tocá-la. O seu coração bateu forte, e ele entrou dentro do

tronco da árvore. Parecia que tinha um tambor no peito. A porta fechou-se, e ele ficou no meio da escuridão. Pareceu-lhe uma eternidade. De repente, acendeu-se uma luz e surgiram três espirais: uma vermelha, uma verde e outra amarela. Como a porta tinha desaparecido, ele pensou que uma das três espirais fosse a saída. O Tomás respirou fundo como se fosse mergulhar numa piscina, tapou o nariz com os dedos e atirou-se para dentro da espiral amarela. Que grande queda! Parecia uma montanha-russa; ele nem sentia o próprio peso. Quando o medo quase o fez chorar, ele caiu em cima de algo muito fofo.

“Será uma nuvem?”, pensou o Tomás.

– Não, Tomás, não é uma nuvem...

Muito assustado, o menino perguntou:

– Quem está aí?!

– Eu sou o Mago do Tempo. Leio pensamentos, e tu estás aqui para me ajudar...

– Ajudar-te em quê? Não tenho nada de especial.

O Mago do Tempo, espantado, disse-lhe:

– Claro que és especial! Tu até falavas com o teu cão!

“Como é que ele sabe?”, perguntou-se o Tomás. “Eu nunca disse isso a ninguém.”

A nuvem onde ele tinha caído começou a mexer-se. O Tomás escorregou até ao chão e ouviu uma outra voz:

– Deves pensar que sou a tua cama...

O Tomás, de olhos esbugalhados, viu-se cara a cara com um triceratops e perguntou, muito aflito, ao mago:

– Os dinossauros não existem, pois não?

- Aqui existem. A espiral trouxe-te até ao Jurássico.

O triceratops voltou a falar.

- Se eu não fosse herbívoro, comia-te ao jantar!

O Tomás esbugalhou ainda mais os olhos e explicou ao Mago:

- O dinossauro disse que me quer comer...

O Mago gritou de alegria.

- Eu tinha a certeza de que conseguirias falar com os dinossauros - afirmou o Mago. - Tu vais ajudar-me a salvá-los.

O Tomás, muito preocupado e sempre com o triceratops debaixo de olho, perguntou ao Mago:

- Ajudar-te? Como?

O Mago sentou-se num grande pedregulho. Naquele lugar, as árvores eram tantas e tão grandes que nem se via o azul do céu.

- Tu sabes que os dinossauros desapareceram por causa de um meteorito, não sabes?

- Sim, sei, até tenho um livro que fala disso.

- Pois, esse meteorito vai cair na Terra daqui a duas semanas - explicou o Mago. - E tu, que falas a língua dos animais, vais explicar aos dinossauros o perigo que correm.

E foi isso mesmo que o Tomás fez. Ele disse àquele triceratops para espalhar a triste notícia. O animal, muito angustiado, desatou a correr e foi avisar todos os outros dinossauros, começando pelos brontossauros. E estes informaram os tiranossauros, que falaram com os pterodáctilos... E todos os dinossauros, os do ar, os da terra e os do mar, protegeram-se em grandes grutas e no fundo dos oceanos. E, quando

o meteorito caiu, muitos deles sobreviveram, evitando-se assim a extinção dos dinossauros.

Mal o triceratops – que passou a chamar-se Nuvem – partiu, o Mago do Tempo virou-se para o Tomás e disse-lhe:

– Bom trabalho! Agora, já podes regressar a casa.

– Antes de partir – disse o Tomás – gostaria de saber o que aconteceria se eu tivesse escolhido as outras espirais.

O Mago coçou a cabeça e sorriu.

– Se tivesses escolhido a vermelha, irias viajar até ao tempo da peste negra, para explicares aos ratos que não deveriam entrar nos barcos que iam para a Europa.

– E a verde? – perguntou o menino.

– Essa espiral vai dar ao ano de 2019 – respondeu o Mago.

– Nesse caso, irias dizer aos morcegos para não saírem das suas cavernas.

O Tomás agradeceu a explicação, e o Mago pegou na varinha mágica e pousou-a na cabeça do herói. O menino sentiu-se sugado por um tornado de vento. Fechou os olhos com muita força e, quando tudo ficou mais calmo, ele reabriu-os e viu a grande árvore com o baloiço dos vizinhos. Era de noite. Ele saltou a vedação, atravessou o jardim esburacado, abriu a porta de casa... e foi atropelado pelo seu novo animal de estimação, um pequeno dinossauro da espécie aquilops que, meio zangado, lhe disse:

– Ó Tomás, hoje não me levaste a passear.

Categoria: Infantil-Juvenil, nível B1

Autora: Sofia Vincent, França

Árvore de vidro

Os pedaços de vidro mexiam com o vento... “Clink, clink”. A canópia, verde como a Natureza, deixava a luz cair da sua maravilhosa peneira. Os raios dourados infiltravam-se nos cacos e iluminavam-nos. Ouvia-as falar sem palavras, milhares de vozes, numa harmonia sussurrada, expirando e inspirando com o vento que dançava com as folhas.

- Filha, cê não tá lá brincando com o vidro, não?

- Não - respondi.

Ela continuou:

- Um dia, isso vai cair, e aí cê vai ver...

Não entendi. Não estava prestando atenção ao mundo. Peguei em dois pedaços e amarrei um outro caco de vidro na árvore.

No outro dia, eu estava na casa da tia Elane. Já estava escuro e estávamos sentadas na grama, olhando o céu e dando nomes à constelações.

- O que são as estrelas, tia?

- São sonhos.

- Sonhos?

- Sonhos.

- Quem colocou todos os sonhos em todas as estrelas?

Ela soltou uma gargalhada gostosa, que parecia água caindo forte no balde, quando vamos para a fonte no centro da aldeia.

- Nós, maluquete!

Ela bagunçou o meu cabelo do jeito que só a ela eu deixava fazer e nós começámos a rir, no ar fresco que não parecia assim tão frio.

Olhei na grama perto da rua e vi um caco de vidro que parecia uma esmeralda. Coloquei-o na bolsa e despedi-me da tia.

Acabei de amarrar o caco na árvore e olhei para o meu primeiro caco, deixando a sua cor verde pintar o chão.

Saí da árvore e dei-lhe um abraço de adeus. Peguei na minha mochila e saí correndo com essa pressa inexplicável que têm as crianças.

- E vocês, sabem o que querem ser quando crescerem?

A minha mão levantou-se rapidamente e quase caí da minha cadeira.

- Eu vou ser cientista e aprender tudo sobre as árvores.

O senhor professor soltou um suspiro e disse, com uma maldade subtil, não sabendo as conseqüências das palavras que saíram da sua boca:

– Seja mais realista...

Quando fui para casa, não corri, ao contrário do habitual. Achei um caco de vidro quebrado no chão. Explodi em lágrimas e escondi-me nos ramos da árvore.

Acordei no tronco, e já me sentia um pouco melhor.

No dia seguinte, peguei na minha mochila e fui para a escola, encorajada pela melodia dos cacos.

– Oi, Juju!

– Olá!

– Ouvi falar que você quer ser cientista.

– Hum, hum. Quero conhecer a língua das árvores.

– Elas falam?

– Não, não é língua assim de falar.

A delegada ouviu e riu com um sorriso que não é bem um sorriso.

– Louca!

Eu peguei numa folha e tentei explicar os meus pensamentos.

– Essa é a nerva central da folha. Ela...

A delegada agarrou na folha e rasgou-a na minha cara.

Senti as lágrimas chegando. Tentei evitar. Mas elas saíram impetuosamente, como as águas de uma barragem quebram as estruturas de aço e betão que a prendem. Não consegui ficar nem mais um segundo ali, humilhada. Corri mais rápido do que o vento, mas não de felicidade.

Três cacos novos estavam na grama, e um deles cortou o meu pé, como se fosse um outro ato de maldade.

A minha mãe veio ver o que se tinha passado. Eu contei-lhe.

- Mas é verdade, as meninas não são do tipo 'cientista' - disse ela, com o seu olhar inquieto. Saí do seu colo e subi ao topo da árvore, deixando a chuva dos meus olhos cair.

A frase "Seja realista" ecoou na minha cabeça, como uma sirene querendo afundar-me. A palavra "Louca" ecoava na minha alma, e ouvi todos os risos de todos os anos anteriores desfilando pela retina dos meus olhos. "As meninas não são do tipo 'cientista'."

Todos os cacos caíram.

O vidro é frágil.

Categoria: Juvenil-Adulto, níveis A1-A2

Autora: Iris Herlent, França

Aquele que queria encontrar a sua própria história

Era uma vez um pequeno leão chamado Hector. Ele tinha uma vida muito tranquila na savana angolana. Este pequeno leão adorava contar histórias, mas o grande problema é que ele achava a sua vida muito entediante. Por essa razão, ele usava as histórias de outros animais. Um dia, contou aos outros animais da savana que o seu pai tinha morrido esmagado por um grupo de gnus e que ele tinha salvado toda a sua aldeia, mas essa história era a do rei Simba. Num outro dia, ele contou a história do elefante Dumbo, fingindo que ela era sua. Ao fim de algum tempo, já nenhum animal queria mais ouvir as suas mentiras. Eles não paravam de repetir:

– Hector, se queres contar uma história, conta a tua e não as dos outros!

– Mas eu não tenho nenhuma história – gemia o leãozinho.

Foi então que ele teve a ideia de viajar pela África para encontrar a sua história. Ele embarcou nesta aventura acompanhado pelos seus amigos Zamba, a zebra, e Altaya, o hipopótamo.

Decidiram fazer-se à estrada no próprio dia. Partiram de Luanda e andaram todo o dia até saírem da reserva. Ao anoitecer, fizeram uma pausa. Na manhã do dia seguinte, foram acordados por um barulho ensurdecedor. Os três amigos acharam que as suas cabeças iam explodir, quando, de repente, viram um animal amarelo com um pescoço enorme e manchas castanhas. Como na sua savana não havia muita variedade de animais, eles não sabiam o que era este estranho animal. O Altaya, que não era muito corajoso, queria dar meia-volta porque temia este animal com pescoço longo. O Hector, que estava com vontade de partir à aventura, foi ao encontro deste animal. O Zamba seguia-o de perto e, um pouco mais longe, estava o Altaya.

- Olá, eu sou Hector e estes são os meus amigos: Zamba e Altaya.

- Olá! - disse a pequena zebra.

- Olá! - sussurrou o hipopótamo.

- Olá, eu chamo-me Eolia - apresentou-se o animal.

- Que tipo de animal és tu? Não és um leão nem uma zebra, e de certeza que não és um hipopótamo.

- É fácil, eu sou uma girafa! Não me digam que vocês nunca tinham visto uma girafa! - exclamou ela.

- Não, na nossa savana não há girafas - disse o Hector.

- É pena, porque, com o nosso longo pescoço, podemos ver tudo o que passa à nossa volta.

- Mesmo tudo? - perguntou o Zamba.

- Sim, mesmo tudo! - respondeu a Eolia, com muito orgulho.

- Se vês mesmo tudo, podes-nos dizer o que fez aquele barulho tão alto que ouvimos há pouco?

- Sim, com certeza. É o barulho de um comboio.

- O que é um comboio? - perguntou o Altaya, curioso.

- Um comboio é uma máquina que anda muito rápido e que vos pode levar até ao fim do mundo - afirmou a Eolia.

- E como é que fazemos para o apanhar? - perguntou o Hector.

- É apenas necessário saltar lá para dentro para entrar e, depois, saltar para sair.

- E podes mostrar-nos o caminho que devemos seguir, se faz favor? - perguntou o Zamba, todo animado.

- Com certeza! É preciso ir em direção ao Baobá, mas cuidado com os homens!!!

- Está bem, muito obrigado! - responderam os três amigos.

Depois, eles afastaram-se da Eolia, seguindo o caminho indicado por esta. Quando chegaram ao Baobá, ficaram muito impressionados pelo tamanho daquela máquina e, mal ouviram o barulho, subiram para dentro do comboio. Os três amigos estavam encantados com aquela máquina engraçada. O Altaya até esboçou um sorriso.

Eles passaram pela Namíbia, onde encontraram um rinoceronte sem chifre. Ele chamava-se Jimbo. O Jimbo contou

que um grupo de homens o tinha raptado e lhe tinha cortado o seu chifre. Ele, felizmente, escapou, mas os seus pais não conseguiram escapar com ele. O Hector, o Zamba e o Altaya ficaram muito tristes quando ouviram a história do Jimbo e perguntaram-lhe como eram esses homens e por que razão eram tão maus. Eles convidaram o jovem rinoceronte a juntar-se a eles para continuarem a aventura.

Depois da Namíbia, fizeram uma escala na África do Sul. Desceram do comboio para esticarem as pernas, andaram até encontrar um grupo com muitos animais e foram falar com eles. Estes animais eram todos exilados. Os quatro amigos decidiram passar a noite com eles e ouvir as suas histórias, umas mais interessantes do que outras. Nesse grupo, havia um gorila que tinha escapado do jardim zoológico e que tinha deixado toda a sua família para trás.

- O que é um jardim zoológico? - perguntou o Altaya.

- Um jardim zoológico é um lugar onde os homens nos fecham para que outros homens nos venham ver.

- Mas isso é horrível! - exclamou o hipopótamo. - Porque fazem isto?

Não se ouviu nenhuma resposta porque ninguém sabia a razão. Depois de ouvir muitas histórias diferentes, o Hector e os seus amigos descansaram. Na manhã seguinte, andaram muito e, ao fim de algum tempo, eles tiveram sede, mas, como não conheciam o país, perguntaram a um grupo de avestruzes qual era o caminho mais curto para encontrarem uma nascente de água. Estas foram na mesma direção que eles e tiveram a gentileza de os guiar. Após cinco minutos de caminhada,

eles finalmente chegaram ao local onde havia água. Os quatro amigos beberam e lavaram-se, quando subitamente ouviram uma explosão. As avestruzes colocaram imediatamente as cabeças na terra, enquanto os outros animais, aterrorizados, correram o mais depressa possível. No entanto, o Jimbo não se mexia.

– Vamos, Jimbo! – diziam os seus amigos. – Levanta-te depressa!

Mas já era tarde de mais. O Jimbo tinha partido para sempre.

– Os homens estão a chegar, os homens estão a chegar! – gritaram todos os animais.

Durante a fuga, o Hector virou a cabeça na direção dos tiros e viu esses homens de que a Eolia lhes tinha falado. Eles pareciam grandes aves, sem penas nem bico, mas com pelos na cabeça. Subiram para dentro de uma máquina que flutuava na água e escaparam por pouco aos homens. Quando já se encontravam em segurança, os três amigos tiveram tempo de perceber o que lhes tinha acabado de acontecer: todos tinham escapado por um triz à morte, exceto o Jimbo. O barco navegou durante alguns dias, antes de chegar ao Quênia. Foi aí que eles viram a coisa mais maravilhosa do mundo: o Kilimanjaro. Ficaram tão maravilhados que lhes vieram as lágrimas aos olhos. Depois de ter visitado um pouco o país e de ter feito novos amigos, o Hector quis regressar à sua savana natal em Angola, para poder contar todas estas aventuras. Desta vez, todos os animais o quiseram ouvir. Foi assim que o Hector se deu conta de que não servia para nada imitar os outros e que era bem melhor escrever a sua própria história.

Categoria: Juvenil-Adulto, níveis B1-B2

Autor: Tomasz Malinowski, Polónia

Uma visita mágica numa cidade... numa cidade

Aquele dia foi igual aos outros. De manhã fiz tudo aquilo que faço sempre, e depois a mamã levou-me à escola. As aulas também foram como todos os dias – aborrecidas, de maneira que era quase inevitável adormecer um pouquinho. Esse dia ordinário tornou-se extraordinário mesmo no fim das aulas. Exatamente cinco minutos antes do fim das aulas...

Cinco minutos. Faltavam só cinco minutos para sair da escola. Fora da janela, o tempo estava tão bom! Fazia calor, o sol brilhava, quase não havia nuvens no céu, mas eu tinha de estar ali sentado. Todos se meneavam nas cadeiras, esperando pelo som que anuncia o fim da tortura. Enfim, quem gosta de Matemática! Repetidamente divisão, multiplicação, adição, subtração. Mas a isso é possível resistir. O pior são os exercícios no quadro ou os testes...

Faltava um momento quando vi que a professora procurava alguém que fizesse o último exercício. Só pedi a Deus para que ela não me perguntasse nada! O olhar dela parou em mim, e pude ver o triunfo nos seus olhos. Todo stressado, já inventava alguns pretextos para escapar dessa pancada fatal, mas, de repente, ressoou a campainha que me salvou. Finalmente podia sair daquele edifício, respirar ar fresco e gozar o bom tempo.

À pressa corria para a saída, tentando ultrapassar o resto dos colegas. Já via a porta aberta que esperava para terminar a corrida. Era o primeiro, todos ficaram atrás de mim. Quase, quase ganhava e, subitamente... tropecei no atacador que sempre se desatava nos piores momentos.

Perdi, mais uma vez, mas já estive muito perto da vitória. Da próxima seria melhor, decerto.

Os meus pais sempre me dizem para não vaguear sozinho, explicando que a cidade pode ser muito perigosa para as crianças. Eles esquecem que eu já não sou uma criança. Tenho 10 anos! Sou quase adolescente!

Geralmente volto para casa depois das aulas e tento cumprir a promessa dada aos pais, mas, naquele dia, o tempo estava tão bonito. Não podia perder a ocasião de passear um pouquinho pelas ruas e ruelas da minha querida Lisboa.

Por um momento, na minha cabeça havia uma luta. Por um lado, queria voltar para casa e não zangar os pais, mas, por outro, queria dar só uma voltinha para apanhar sol. Enfim, decidi juntar ambas. Ia para casa, mas por um caminho um pouco mais longo. Se tudo corresse bem, ninguém ia saber.

Muito contente e orgulhoso pela minha esperteza, como decidi, fui para casa, mas por outro trajeto.

Decidi ir à Praça do Comércio, onde vamos sempre com a família aos fins de semana. Lá me sentei ao lado do monumento do senhor sentado no seu cavalo, para descansar.

Só um momento, depois tive de voltar para casa. Levantei-me e comecei a andar. Não queria ir pela Rua Augusta, aquela com o enorme arco, mas por outra. A terceira ou quarta à direita da Rua Augusta. Fui por lá, virei numa das ruas e depois fui no sentido que, assim achava, me podia levar ao metro.

Não sei porquê, mas, num certo momento, algo despertou a minha atenção. Alguns barulhos estranhos fizeram com que esquecesse que tinha de voltar. Virei cuidadosamente numa ruela para procurar a causa do ruído. Verifiquei que lá, ao lado dos contentores do lixo, havia gatos. No mínimo cinco ou seis. Adoro gatos, mas tenho alergia e não posso ter nenhum em casa. Queria só brincar com eles, mas, de repente, na rua, apareceu um homem estranho. Parecia louco e gritava algo para mim. Sem pensar, comecei a fugir. Não sabia para onde. Queria só fugir daquele lugar.

Corria pelas ruas e ruelas. Eram estreitas, curtas, longas, curvas. Algumas repentinamente terminavam numa parede, sem nenhuma passagem, como algum labirinto sem saída.

Eu não tinha medo. Mesmo os mais corajosos, às vezes, têm de fugir do campo de batalha. Isso foi só uma preocupação. Não queria que os meus pais ficassem tristes, caso alguma coisa acontecesse comigo.

Parei para descansar depois da fuga, ou melhor, retirada tática. Naquele momento tive tempo para me orientar naquele lugar. Tudo era diferente das outras partes de Lisboa. As ruas eram estreitas e tortuosas, não feitas de asfalto, mas de pedras desiguais, montadas como dados. Os edifícios eram velhos. Uns em bom estado, talvez recentemente renovados; outros quase em ruína, que não dão para morar. Nas janelas havia ornamentos. Vários. Chineses, japoneses, africanos, portugueses. Nas ruas, os cheiros das cozinhas e especiarias de todo o mundo mexiam-se num aroma extraordinário e maravilhoso. Tudo como numa outra cidade.

Mas o mais interessante eram as pessoas. Lá tudo era diferente. Cada pessoa de uma outra cor, outra cultura ou língua. Ao longo das ruas havia grupos de gente. Sorriam, gritavam, davam empurrões uns aos outros. Numa entrada para a pastelaria estava um homem que falava com todos que queriam entrar. Num certo momento perguntou alguém:

– Nacionalidade?

– Mouraria – ouvi a resposta.

Risadas. Não entendi essa piada, mas não pude resistir a rir. Nunca estivera num lugar como aquele. Fui adiante, subindo e descendo os montes e vales da cidade. Ali, numa pequena rua, alguém com um gesto misterioso chamou outra pessoa. Depois, secreta e cuidadosamente, impingiu algo na sua mão. Eles lançaram-me um olhar ameaçador, e eu adiantei-me à pressa. Ali, ao lado de uma loja, estava um homem. Tinha lá tudo. Colchões, cobertores, cadeiras, bicos de gás, até mesmo plantas. Tudo! Ele estava sentado e falava com alguém

por um radiotransmissor. Decerto era um agente secreto numa missão! Um pouco mais longe, uma mulher, bastante velha e desalinhada, numa capa e chapéu esquisito, murmurava algo para consigo própria. Certamente era uma feiticeira e fazia uma espécie de magia. Tudo tão diferente e estranho, mas ao mesmo tempo tão fascinante.

Andei adiante e, de repente, na minha cabeça caiu água. Não sei de onde. O céu estava limpo, e aquilo não podia ser chuva. Era mais como se uma vaga marítima viesse e inundasse aquela ruela onde eu estava. Todo molhado, procurei o metro e, subitamente, no pavimento, vi um peixe. Nem um pedaço nem o filete, mas o peixe todo. Isso só confirmou a minha suposição. Uma vaga perdida veio do oceano e inundou aquela rua. Ninguém ia acreditar que aventuras tinha tido!

Enfim, encontrei o metro. Estava numa grande praça luminosa, com um chafariz lindo, perto daquela estranha parte da cidade. Depois, tudo foi fácil. Quase tudo. Os meus pais estavam muito zangados por ter voltado tão tarde, sem os avisar. Ordenaram-me que eu promettesse que esta ia ser a última vez que tinha vagueado sozinho e disseram que me iam levar para a escola todos os dias para não ter ideias estúpidas. Concordei, não tive outra opção. Mas aquele dia foi o melhor da minha vida e vou lembrá-lo para sempre. Enfim, nem sempre podemos visitar cidades mágicas e ter tantas aventuras. Desde aquele dia, uma parte de mim ficou para sempre naquele lugar, na mágica Mouraria.

Categoria: Juvenil-Adulto, níveis C1-C2

Autor: José Luís Termenón Pintos, Espanha

Náufrago

Nalgum lugar recôndito e não especificado no Pacífico, mas com toda a certeza a muitos quilómetros de qualquer outro ser humano, há um homem deitado numa praia sob o sol do meio-dia. Veste apenas uns calções, ou melhor, os restos de umas calças. É um náufrago. O navio mercante em que navegava afundou e ele chegou à costa a boiar em cima de uma palete de madeira daquelas de empilhar mercadorias. Então, a palete virou jangada e salvou a sua vida; numa segunda metamorfose, a jangada agora é calendário.

Sim, porque o homem conta cuidadosamente o tempo. Cada manhã, antes que se esqueça, ele faz um novo entalhe na madeira. É a sua primeira tarefa do dia e a mais importante, mais importante do que procurar comida ou água, mais importante do que manter o seu abrigo em boas condições.

O homem-náufrago poderia dizer com absoluta exatidão há quanto tempo está lá, mas de facto não tem ninguém com quem falar (porém, eu vou informar os leitores e as leitoras, para que se possam situar, que ele está na ilha há quase três anos).

Essa contagem diária é a sua ocupação principal, e não pode render-se, não quer render-se, porque acha que, desde que consiga calcular o tempo que passa, mesmo que sejam anos, ainda poderá ver a sua mulher e as suas filhas, mudar e imaginar o aspeto delas a cada momento, e sente que, se perder a conta, o tempo não fará mais sentido e perderá todas as suas referências. Então, lenta mas inevitavelmente, ficaria perdido, perdido como se estivesse deitado na balsa de madeira no meio do oceano, ao sabor das correntes. Tem medo do esquecimento, e esse cálculo obsessivo é o único fio que o mantém unido ao seu mundo, ou ao que era o seu mundo, já não tem certeza.

O náufrago aprendeu logo que, mesmo numa situação desesperada, mesmo sabendo que quase não temos chance, queremos continuar a viver, e lutamos com obstinação até ao fim, que o nosso instinto de sobrevivência e a nossa capacidade de nos adaptarmos a qualquer circunstância nos impedem de nos rendermos, mesmo além da lógica e da razão. Por isso, a primeira coisa por que ele se esforçou quando se viu lá na ilha, sozinho e assustado, foi pela procura de alimento. De facto, passou algum tempo uma fome terrível, mas a pouco e pouco aprendeu a colocar armadilhas, a roubar ovos de ninhos de todos os tipos, a recolher tudo o que parecesse comestível, e, com muito cuidado e em pequenas doses, provou

frutas, folhas, raízes e mariscos, aliás sempre com o medo de que pudessem ser venenosos. Finalmente, e tendo pago apenas o preço de ter apanhado alguma diarreia, conseguiu selecionar algumas espécies que se tornaram a sua dieta diária: o leite doce e a polpa do coco, a fruta do pandanus, as bagas levemente ácidas do jambo, o sumo aromático da papaia, a carne salgada de crustáceos e peixes. E foi assim, por acaso, quando andava a experimentar, que descobriu o peixe amarelo.

O peixe amarelo chama-se *Siganus corallinus* ou peixe-coelho-dos-corais, embora o naufrago não o saiba, já que não tem conhecimentos de biologia. Para ele, é apenas o peixe amarelo, mas foi, com certeza, a sua principal descoberta, o que mudou tudo, aquele que o ajuda a exorcizar os seus demónios particulares, a monotonia, a solidão, a incerteza e também o medo. Foi uma descoberta casual. Achou-o um dia, quando estava a nadar entre os corais, e apanhou-o após uma centena de tentativas perseverantes com uma lança feita de uma vara afiada. Provou uma beca com cuidado e nada aconteceu. Então, confiante, comeu-o inteiro, e logo a seguir, após alguns minutos, começou a ter alucinações. Deitado no seu casebre, viu-se a si mesmo emergindo do seu próprio corpo, abandonando-o, subindo no ar até às nuvens, até que a ilha apareceu por baixo dele como num mapa, pequena no meio do imenso mar, um ponto diminuto por causa da distância. Mas, inesperadamente, estando lá em cima, não sentiu necessidade de procurar navios a passar pelas redondezas nem teve curiosidade de examinar com atenção o novo e distante horizonte a que agora tinha acesso em busca de outras

terras, porque, naquele momento, não sentiu preocupação pela sua situação nem pelo seu futuro, de facto nem se lembrou, e isso é que foi realmente surpreendente – da sua família, cuja memória tinha ocupado quase todos os seus pensamentos até àquele momento. No seu sonho alucinado viu-se a si mesmo como parte inseparável daquele lugar remoto; mais do que isso, viu-se como amo e senhor absoluto daquele mundo. Fechou os olhos, desceu numa queda vertiginosa e voou com os braços estendidos, gritando com toda a força dos seus pulmões. Voou entre as árvores, assustando os macacos, que gritavam de volta para ele, enfadados, voou sobre a floresta, como uma brisa a mover a folhagem, espantando os tucanos, os louros e os papagaios multicolores, que desatavam a voar desordenadamente, e voou sobre os rochedos da costa, alarmando as gaivotas e os corvos-marinhos, que abandonavam irritados os seus ninhos.

E, desde então, quanto mais perde a esperança de retornar à que era a sua vida anterior, quanto mais sente a tristeza e a solidão, mais vezes utiliza o peixe amarelo, e, quanto mais o faz, mais fracas se tornam as suas recordações. E há alguma coisa escura escondida lá, uma voz sombria que lhe entra pelos ouvidos adentro, um pensamento insidioso que lhe insinua que talvez deva parar de pensar em voltar. Essa força estranha vai-se instalando cada vez mais dentro do seu cérebro, apoderando-se do seu ser, convencendo-o de que este é agora o seu mundo, o lugar onde ele reina e que não vale a pena continuar a pensar naquele outro de onde ele veio há muito tempo.

De facto, o náufrago não é apenas uma pessoa mais, mas dois seres a lutar: um que continua a resistir, que se esforça para preservar a sua esperança e as suas lembranças e que começa a ter também medo da loucura, porque algumas vezes sente já o seu hálito na nuca, a anunciar a sua chegada, e o outro que se sente fraco e não consegue evitar, não consegue deixar de se entregar àquele delírio que atenua e disfarça a rotina e a aflição que está a viver. Então, o que é que ele poderia fazer num universo em que é o único ser humano?

O sonho do peixe amarelo ganhou tanto terreno que alterna de igual para igual com a realidade, e chegou a um ponto em que o náufrago vai e vem da realidade à fantasia sem perceber onde é que começa uma e acaba a outra. Às vezes está tudo tão confuso na sua cabeça que ele precisa de refletir durante muito tempo para ter a certeza de que está acordado.

Agora, depois de dormir durante muitas horas, desperta do sono deitado na areia e abre os olhos lentamente. O sol do meio-dia brilha com toda a sua intensidade, e há tanta clareza que dói. Pestaneja várias vezes e, pouco a pouco, começa a ver; a princípio distingue apenas um ponto preto no azul imenso, mas ele nem tem certeza do que é que aquilo significa. Esfrega os olhos e dirige a vista novamente àquela mancha que ainda está lá, mas um pouco maior. Levanta-se devagar com a mão colocada na frente a fazer de viseira e com o seu coração a bater forte, porque qualquer novidade na linha do horizonte é para ele um broto de esperança, e o seu cérebro entupido começa a aclarar-se. Mas sim, é claro que é um barco e já lançaram um bote na água. Está tão chocado

que tem dificuldade em respirar. O mar reflete a luz do sol e brilha como um lençol de cetim prateado, enquanto os marinheiros movem os remos em coordenação, ritmicamente, compassadamente, levantando pequenas porções de espuma.

Para além dos homens que remam, há alguém de pé na proa. O bote aproxima-se e ele distingue a figura: é ela, que por fim vem resgatá-lo. Quando a quilha da embarcação toca na areia, ela desce com um salto, a água a bater-lhe nos tornozelos, e começa a caminhar com os olhos fixos nele e a sorrir com o seu sorriso amado. Dá uns passos à frente e se detém de pé na areia a fitá-lo a uns vinte metros. Então, o tempo para, ninguém se mexe, nada se mexe, apenas as ondas e o vento.

Ela diz suavemente “tudo vai correr bem”, e ele sente-se confuso. Observa a sua mulher demoradamente e, de facto, na verdade, ela não mudou, está igual, o mesmo penteado de cabelo curto, as mesmas peças de roupa, os mesmos ténis que agora traz na sua mão direita, as mesmas calças brancas de linho e a mesma camisa azul. Tudo é como na foto que ele lhe tirou numas férias em Lisboa, lá na Brasileira do Chiado, sentada na esplanada. É a fotografia que tinha na sua cabina no navio, aquela que observava detidamente todos os dias durante a navegação, a imagem da sua mulher que tinha decorado e fixado na sua mente pouco antes de naufragar.

E é então que ele entende, sente uma pontada de angústia no peito e deixa-se cair de joelhos, enterra as mãos na areia quente e baixa a cabeça. “O peixe amarelo”, diz com voz fraca e gemente. Levanta a cabeça novamente, e a imagem dela está desfocada e tremente, como por efeito do calor, “Tudo vai ficar

bem”, insiste ela com voz macia. Assim, ajoelhado, deixa escapar devagar a areia que tinha apanhado nos seus punhos fechados e que agora escoia entre os seus dedos. “Tudo é por causa do peixe amarelo”, diz, e, com os olhos semicerrados, vê o bote que agora está a afastar-se numa imagem cada vez mais apagada, apenas uma sombra confusa em direção a um navio que também se desvanece na difusa linha azul do horizonte. Agora sabe que não há qualquer esperança, agora sabe que tudo acabou e que há apenas um mundo ao qual ele vai pertencer para sempre.

Ao mesmo tempo, em Vigo, uma cidade longínqua lá na Galiza, já é noite fechada, e uma mulher dorme com as suas filhas na mesma cama, como faz há quase três anos. Está a sonhar, e no seu sonho vê um homem deitado numa praia. É um lugar calmo e solitário, a imagem perfeita do paraíso. Sob o sol do meio-dia, as ondas quebram na areia branca e fina, a água do mar é azul-turquesa transparente e há peixes amarelos a nadar entre os corais.

Menções honrosas



Categoria: Infantil-Juvenil, níveis A1-A2

Autor: Brayden Duarte, Estados Unidos da América

Os amigos e o polvo gigante

Era uma vez um ninja chamado Rafael. Ele era muito forte e vivia numa aldeia muito pequena, distante do oceano. O Rafael tinha o cabelo azul e vermelho. O seu melhor amigo era um dragão chamado Carnudo. Este amigo dele sabia falar e tinha o corpo coberto de escamas verdes e brilhantes. O Rafael tinha um outro grande amigo, o Lírio, que também era um ninja. O Lírio era extremamente rápido e tinha o cabelo amarelo e verde.

Certo dia, os três amigos estavam a brincar na floresta, quando, de repente, um terramoto sacudiu aquele lugar. Todos perderam o equilíbrio e caíram redondos no chão!

O Rafael, um pouco assustado com o que estava a acontecer, falou para o Carnudo:

- Carnudo, voa e vê se consegues descobrir o que causou este terramoto!

O dragão seu amigo voou e viu ao longe um polvo gigante a bater com os seus tentáculos na areia da praia. O Carnudo, aflito, falou para os dois ninjas:

- Nem imaginam o que descobri!!!

- O que é? O que é? - perguntou, o Lírio, aflito.

- É um polvo enorme que está descontrolado na praia. Temos de parar este polvo! Ele vai acabar por machucar as pessoas e os animais! - contou o dragão, preocupado.

Os três amigos pensaram como poderiam parar o polvo gigante... A aldeia onde viviam ficava muito longe do oceano e não sabiam como poderiam impedir aquele gigante da praia de destruir tudo e magoar alguém. Destemidos, começaram a viagem emocionante para parar o polvo gigante.

O caminho era logo e tinham a noção que iriam ter vários obstáculos. Quando estavam caminhando pela floresta, de repente, ouviram um barulho. Quando chegaram perto, repararam numa princesa a treinar karaté. Eles cumprimentaram aquela princesa destemida, mas ela estava tão focada no seu treino, e não queria ser incomodada, que nem reparou neles.

Aproximaram-se ainda mais da princesa, até que ela se assustou e quase deu um golpe no Rafael.

- Desculpem! Quem são vocês? Eu estava treinando e vocês assustaram-me! - disse a princesa.

- A culpa é nossa! Não queríamos assustar-te. Estamos impressionados com a tua agilidade - respondeu logo o Rafael.

- És muito boa no karaté! - elogiou o dragão.

- Nós vamos agora tentar parar um polvo gigante que está a ameaçar o planeta. Não queres vir connosco? - referiu o dragão.

- Contem comigo! - respondeu prontamente a princesa.

E lá foram os três amigos e a princesa ao encontro do polvo gigante.

Depois de andarem algumas milhas, entraram num campo de erva verde e com umas flores bem pequeninas e brancas. Ao fundo desse campo verdejante, viram uma colina e nela uma serpente gigante com bem mais que 20 metros de comprimento. Nunca tinham visto uma serpente com aquele tamanho. Ela estava num sono profundo.

Os amigos teriam de subir aquela colina para chegarem mais rápido ao polvo gigante. Seriam eles capazes de passar pela serpente gigante sem serem notados?

Decidiram, então, tentar subir silenciosamente a colina de forma a não acordarem a serpente. Mas, mal se aproximaram, ela abriu um dos seus olhos e viu os invasores. Com a língua de fora, falou para os amigos e a princesa:

- Vejam! Vejam! Parece que hoje vou ter um jantarinho apetitoso.

- Ahhhh!! Fujam! - gritou o Lírio, assustado.

Os amigos e a princesa correram temendo pelas suas vidas. A serpente terrestre deslizava, perseguindo-os. O dragão assistia tudo do céu. Era o único que podia voar.

A princesa viu uma árvore com um buraco e pensou que seria um bom sítio para se protegerem da serpente.

- Malta, vamos todos entrar para o buraco daquela árvore. Acho que tem espaço para os três.

Pularam todos e esconderam-se dentro da árvore. A princesa, entretanto, sussurrou:

– Acham que a serpente nos viu entrar aqui?

A serpente tinha claramente visto os amigos entrarem naquele buraco da árvore. Deslizando lentamente, chegou junto da árvore e gritou:

– Buaahhhh!!!

Os amigos e a princesa, assustados, gritaram tão alto que alguns pássaros da floresta desataram a voar em várias direções.

Os amigos saíram do buraco da árvore muito rápido e, sem pensar, pisaram a cabeça da serpente. Esta ficou zozza e nem conseguiu rastejar mais atrás deles.

– Ufa! Foi por pouco que não viramos jantar de uma serpente – disse o Lírio, ainda a tremer.

Lá continuaram todos juntos a viagem para a praia, onde teriam de arranjar uma forma de acalmar o polvo gigante.

Depois da experiência com a serpente, os corajosos caminhavam em bicos de pés para que nada nem ninguém os ouvisse. Em menos de nada começaram a avistar o mar e como ele brilhava.

Quando chegaram finalmente ao pé do mar, os quatro amigos viram o polvo a destruir tudo ali nas dunas. Correram para parar o polvo gigante, mas, antes mesmo de o alcançarem, o polvo avistou-os e atacou-os. Os seus tentáculos eram grandes e fortes. Eles temiam não serem capazes de deter aquele gigante.

– Malta, juntos conseguimos isto! Força! – gritou o Rafael, destemido.

A princesa usou karaté, o Rafael usou sua força, o Lírio a usou sua rapidez e o dragão cuspiu fogo. Juntos, depois de

alguma resistência, conseguiram que o polvo saísse da praia e voltasse para o mar alto.

- Conseguimos, malta! - disse a princesa, feliz. - Juntos somos a força! - exclamou o Lírio.

- Tão cedo este polvo não se vai atrever a voltar para estas bandas - rematou o Rafael.

E juntos fizeram-se à estrada e regressaram a casa.

Todos eles viveram felizes para sempre.

Autora: Élise Dos Santos Astruc, França

O comboio-fantasma

Era uma vez uma menina chamada Luísa. Ela vivia com os seus pais e a sua irmã numa casa, no meio de uma grande cidade. A Luísa era muito brincalhona e pensadora. Ela adorava ler livros fantásticos e tinha por hábito imaginar coisas.

Um dia, ela foi a um parque de diversões com a sua família para festejar o aniversário da irmã. A Luísa viu a atração do comboio-fantasma e ficou tão excitada que, de imediato, pediu aos seus pais para andar nele. Eles aceitaram. Os pais teriam gostado de ir com a filha, mas não puderam porque a atração era só para crianças. A Luísa sentou-se no comboio e ele começou imediatamente a avançar. O comboio-fantasma ia cada vez mais depressa e, rapidamente, Luísa deixou de ver os seus pais. O comboio entrou numa gruta escura onde havia esqueletos, fantasmas, pessoas estranhas com pele pálida e olhar vazio. A Luísa não teve

medo, bem pelo contrário. Ela começou a achar o tempo muito longo ali na gruta e adormeceu, sentada no comboio.

Quando abriu os olhos, a Luísa desceu da atração e começou a procurar os pais por entre a multidão de pessoas que andavam à beira do comboio, mas não os encontrou. Naquele momento, reparou que as pessoas eram um pouco estranhas: pareciam aquelas pessoas da atração do comboio-fantasma, com pele pálida e cara maléfica. A Luísa entrou em pânico, porque não sabia como fazer para voltar para a sua casa, com os pais e a irmã. As pessoas à volta dela fixavam-na atentamente, como se ela fosse um extraterrestre. Então, ela começou a correr e só parou quando não pôde ver mais o parque de diversões. A Luísa sentou-se numa pedra, acalmou-se e pensou numa maneira de voltar para a sua casa na cidade. De repente, ela ouviu um grande barulho e virou-se para ver a causa do ruído. Era um homem que tinha aparecido como por magia. Era de estatura média, com cabelos castanhos e olhos azuis. Ele estava vestido com calças roxas e com um casaco verde muito feio. O homem não parecia mau mas a Luísa desconfiava, mesmo assim. Depois do que tinha visto no parque de diversões, não podia confiar em ninguém... Ele sorriu, apresentou-se e perguntou se podia ajudá-la. A Luísa não disse nada. O homem repetiu e ela finalmente disse:

- Quero voltar para a minha casa.
- E onde é a tua casa, minha menina?
- Moro na grande cidade. Fugi do parque de diversões e depois...

– Ouve, filha, estamos num mundo paralelo e só podes voltar para a tua casa se tiveres a chave do cadeado que o fecha.

– Onde é que posso encontrar essa chave?

– Eu tenho-a, mas ela é muito preciosa, por isso, se a quiseres, deverás dar-me em troca um escaravelho de ouro durante a próxima lua cheia.

A Luísa não disse nada, e o homem foi-se embora.

– Onde é que o posso encontrar? – gritou a menina.

Ela levantou-se da pedra onde estava sentada e refletiu: a próxima lua cheia era no dia seguinte à noite, por isso não tinha muito tempo para encontrar o escaravelho de ouro; então, pôs-se ao trabalho. Procurou durante horas e horas, mas não encontrou nada. A Luísa estava com fome, cansada, sobretudo muito desanimada. Ela fez um monte com o musgo das árvores que cresciam à volta dela e adormeceu sobre ele. Na manhã seguinte, a Luísa acordou, bem-disposta, e foi procurar de novo o escaravelho de ouro que o homem misterioso tinha pedido. Uma vez mais, os seus esforços foram em vão e a noite de lua cheia caiu. A Luísa começou a chorar e, de repente, um brilho na relva chamou a atenção do seu olhar. Ela observava agora muito atentamente a erva e viu um escaravelho de ouro. Um grande sorriso apareceu no rosto da Luísa e ela estava agora ansiosa pela chegada do homem.

O sino da igreja mais próxima tocava a meia-noite quando ele chegou.

– Então, encontraste o escaravelho? – perguntou o homem.

A Luísa mostrou com orgulho o escaravelho de ouro, e ele ficou boquiaberto. A Luísa pediu a chave ao homem que,

a contragosto, a procurou no seu casaco verde. Finalmente, ela tinha a famosa chave! Depois foi com o homem ao encontro da porta com cadeado do mundo onde ela estava. Era uma porta muito estranha, dissimulada na rocha de uma montanha. O homem disse:

– Entrarás no túnel, atravessá-lo-ás e chegarás a uma porta que abrirás com a chave. Adeus e boa sorte! – A Luísa agradeceu ao seu acompanhador e foi-se do mundo paralelo.

Ela estava agora num longo túnel escuro. Andou então durante o que lhe pareceu séculos. As paredes do túnel eram rugosas e os passos da Luísa ressoavam. Às vezes ela ouvia o barulhinho das gotas de água a cair e, de repente, tudo ficava mudo de novo. Depois, a Luísa chegou à frente de uma outra porta. Ela colocou a chave na fechadura, virou-a e a porta abriu-se. Em frente dela estava um grande comboio que parecia mesmo um comboio-fantasma, mas ela não teve medo. Subiu a bordo e ele começou a rolar. O comboio ia muito rápido. O caminho era longo, tão longo que a Luísa adormeceu.

Pouco tempo depois, ela ouviu uma voz familiar a dizer: «Luísa! Luísa! Acorda! Deves descer da atração! Luísa!». Luísa abriu os olhos. Os seus pais estavam em frente dela com a irmã. Então desceu do comboio-fantasma e foi com eles para a sua casa, na grande cidade. A Luísa pensava: «Foi um sonho? Ou não foi?», e era uma boa pergunta, pois tinha a chave no bolso do seu casaco!

Categoria: Infantil-Juvenil, nível B1
Autor: Diego Badolato Viala, França

Medroso

- Ah! Pare de ser medroso!

- M-mas v-você não prefere p-passar por outro caminho, Júlia? - perguntei, tremendo.

- Não! Estamos atrasados! Precisamos pegar esse atalho!
- ordenou Júlia, apontando na direção da Casa.

- M-mas, mas... é a Casa!

- Sim, e qual é o problema? Vamos!

E ela pulou a cerca.

E eu fiquei lá, parado, sozinho naquele beco escuro, sozinho com a Casa. Um calafrio me percorreu. Sempre tive medo daquela mansão cinza e silenciosa. Enquanto um duelo silencioso se travava entre a Casa e mim, Júlia chamou meu nome de novo:

- Ah! Venha, não há nada, o jardim está deserto. U-hu! Seu medroso! U-hu! - Ainda gritou, só para me provocar.

- Ha! Muito engraçado... - respondi, mal-humorado.

- Por acaso você não me ouviu? Estamos atrasados!

Dizendo isso, me puxou fortemente pelo braço do outro lado da cerca, ignorando minhas reclamações.

O jardim do outro lado era grande, cinzento e triste. Todas as plantas estavam mortas, a terra estava ressecada e rachada. Júlia, me puxando por essa paisagem desolada, tentou me consolar:

Ora! Há 50 anos, talvez até mais, que ninguém vive aqui!

É exatamente isso que me preocupa! Fantasmas, espíritos, *poltergeists*, o que quer que seja! Por que você acha que a casa não foi vendida até agora? Está assombrada! É evidente!

Assombrada! - exclamou ela, muito alto, suficientemente alto para nos ouvirem dentro da mansão, pensei. - Claro que não! Só não foi vendida porque ninguém gostaria de comprar essa velharia! - e desatou a rir.

- Você não deveria rir assim... - murmurei preocupado, olhando para a Casa que se elevava, imponente e austera.

- Você é mesmo muito parvo em acreditar nessas coisas! - E acrescentou, gritando: - Ei! Se tiver algum fantasma aí, que ele venha aqui me mostrar que existe! Estão me ouvindo? Ha ha! "Fantasmas"...

- Você não deveria...

Fui interrompido por um grito agudo. Desviei meu olhar da Casa, para ver Júlia flutuando, com seus cabelos no ar. Continuou a gritar pedindo ajuda.

Eu estava paralisado, olhando para a cena, enquanto Júlia lentamente se virava de cabeça para baixo, ainda flutuando e ainda gritando. Eu bem que tinha avisado...

– Pare de ficar assim me olhando com esse sorriso tosco na cara! Me ajude, faça alguma coisa! – gritou Júlia, me tirando da minha contemplação passiva.

– Mas você tem de admitir que...

– Só me ajude! Discutiremos depois! – berrou, enquanto era lançada no ar e recuperada por uma força invisível.

Corri em sua direção, peguei sua mão e desatei a correr em direção à cerca, a arrancando das garras do “nada” que a segurava. “Que ironia! Olhe quem está puxando o outro agora!”, pensei.

Enquanto corríamos, vi dezenas de pedras levantarem-se do chão e se atirarem todas, ao mesmo tempo, na nossa direção. Nenhuma me atingiu. Júlia sangrava um pouco da mão. Não parámos, continuamos a correr no meio do “plique-ploque” das pedras caindo no chão. De repente se fez silêncio. Vi do canto do olho outra coisa se levantar da grama alta. Pensei que era uma cobra e, alarmado, me virei para ver melhor. Era uma mangueira. Suspirei aliviado. Mas aí me dei conta: a mangueira estava apontada para nós, ou melhor, para Júlia.

– Abaixei! – gritei.

Mas era tarde de mais; a mangueira já tinha disparado, e Júlia estava encharcada. Continuamos a correr, perseguidos pela mangueira, que tentava se enroscar em nossos pés. A cerca continuava a se aproximar. Estávamos quase lá...

Ouvimos um ruído forte de vidro quebrando. Olhei para trás, e das janelas da Casa tinham surgido dezenas, centenas de objetos cobertos de poeira e teias de aranha. E estavam voando bem em nossa direção.

Acho que nessa hora corri o mais rápido que jamais corriera. Corri muito rápido. Acho que Júlia também estava apressada para sair daquele lugar, porque soltou minha mão, e começou a correr mais depressa, passando na minha frente, enquanto candelabros, chaleiras e quadros antigos caíam à nossa volta da grande massa escura e poeirenta que tinha se formado acima de nós.

A cerca estava a cinco metros. Quatro. Uma espada caiu a poucos centímetros de Júlia. Só mais dois metros... estávamos quase lá! Um troféu de caça (um cervo empalhado) caiu ao nosso lado. Finalmente, pulámos a cerca ao mesmo tempo, enquanto um tabuleiro de damas caía violentamente na cabeça de Júlia.

Estávamos vivos. Cansados, mas vivos. No caso de Júlia: encharcada, um braço sangrando e a cabeça ferida, mas viva!

A rua estava calma. Ninguém parecia ter percebido o que havia acontecido no jardim da Casa. Não se ouvia mais nenhum ruído do outro lado da cerca. Júlia se levantou, pálida e tremendo. Eu disse:

- Vamos! Você não quer chegar atrasada, não é?

Ela não disse nada durante todo o caminho.

Aliás, Júlia nunca mais voltou naquele bairro. Medrosa. Como se existissem fantasmas.

Quanto a mim, volto todas as tardes àquele jardim, com um tabuleiro de damas debaixo do braço. Ele morreu há 52 anos e é um excelente jogador de damas. Ele é bem simpático.

Autora: Sofia Ramos Dias, Luxemburgo

A menina do guarda-chuva amarelo

Era uma vez um rapaz chamado Tiago que vivia numa casa pequena, fora da aldeia, perto de uma floresta mágica, juntamente com os pais e a irmã mais nova, a Inês.

Um dia, Tiago acordou a meio da noite por causa de um barulho que vinha da floresta. Levantou-se e foi espreitar à janela, mas, como estava muito escuro, não viu nada, e por isso decidiu vestir-se e calçar as botas de borracha vermelhas, porque também chovia. Por fim, vestiu o impermeável e saiu de casa com uma mochila que continha uma lanterna, água, bolachas e uma corda.

À medida que se aproximava da floresta, os barulhos intensificavam-se. Quando entrou na floresta, retirou a lanterna e seguiu em direção ao som, que, entretanto, mais parecia ser um rugido.

Tiago estava com medo, porém queria descobrir o que estava a causar esse barulho. Ao aproximar-se do rugido, este parecia estar mesmo à sua frente. Apontou a lanterna e viu uma criatura a mexer-se rapidamente e a esconder-se atrás de um tronco.

O rapaz disse com uma voz suave:

- Olá! Não sei quem és, mas não precisas de ter medo, não te vou magoar.

Foi então que um labrador castanho apareceu por detrás de um tronco. O animal começou a aproximar-se de Tiago, e este reparou que na trela estava o nome Coco.

Enquanto o rapaz lhe fazia festinhas, apercebeu-se de que havia uma outra figura que espreitava por detrás da árvore.

- Olá? Está aí alguém?

Ele não obteve resposta, mas ouviu alguém a rir. Parecia ser o riso de uma menina. Tiago aproximou-se, devagarinho, sendo seguido por Coco. Foi aí que viu uma menina que segurava um guarda-chuva amarelo. Quando Tiago chegou perto da menina, tentou conversar com ela:

- Olá, eu sou o Tiago!

No entanto, ela só o olhava com admiração.

- Que estranho! - pensou o rapaz.

De repente, a menina sussurrou que estava à procura de uma chave.

- Uma chave? - Tiago achou muito estranho e perguntou se ela a tinha perdido, mas ela não respondeu. No entanto, pediu-lhe que a ajudasse a encontrar a chave, e Tiago aceitou.

Vaguearam durante algum tempo pela floresta. Tiago perguntou à menina porque é que ela andava a passear durante

a noite à procura de uma chave, e ela respondeu que não se conseguia ver a chave durante o dia. Tiago desatou a rir, mas ela manteve uma expressão séria.

Sem mais uma palavra, a menina seguiu em frente, e Tiago, arrependido por ter feito troça da menina, seguiu-a cabisbaixo. Quando se depararam com uma porta vermelha, a menina entrou. Tiago hesitou, pois não sabia o que iria encontrar por detrás da porta nem onde iria dar. Por fim, decidiu ser corajoso e continuar a aventura, sempre seguido de Coco. Ao trespassar a porta, o menino já não se encontrava na floresta. De repente, encontravam-se num campo colorido onde havia um lago com peixes de todas as cores a saltitar na água e pelos campos corriam vacas, ovelhas e gatos. Quando encontrou a menina, foi ter com ela e perguntou:

– Aonde é que estamos? Não conheço este sítio!

– Bem-vindo a Elfwood! – explicou-lhe a menina, que encontrara novamente a sua voz, e encaminharam-se por um trilho que dava a um castelo perto do mar.

Quando lá chegaram, bateram no portão que se abriu muito devagarinho. Ao entrar na sala principal, com lustres dourados, viram uma bela princesa sentada no trono que lhes ordenou que se aproximassem para os poder ver melhor. Depois declarou:

– Sou a princesa Carmelita! O que desejas de mim?

A menina do guarda-chuva amarelo inspirou, profundamente, e explicou que tinha perdido a sua chave e que precisava que uma das bruxas do reino da princesa fizesse um feitiço de localização. A princesa perguntou o que receberia em

troca, e a menina prometeu-lhe que, quando precisasse de ajuda, poderia sempre contar com ela. A princesa concordou e ordenou aos guardas que lhe trouxessem a bruxa mais poderosa.

Alguns minutos mais tarde, o guarda voltou com uma bruxa muito jovem, que fez o feitiço, mostrando-lhes no mapa aonde se encontrava a chave. Eles agradeceram, despediram-se da princesa e partiram logo, pois não queriam perder tempo.

E foi assim que a aventura continuou. Passaram por uma ponte onde se encontravam umas fadas sentadas. A seguir, tiveram de escalar uma montanha para passarem para o outro lado. Quando chegaram junto ao rio que tinham de atravessar, começou a chover torrencialmente.

No entanto, decidiram arriscar e subiram para o barco. Todavia, quando chegaram a meio da travessia, começou a trovejar, e as ondas ficaram mais bravas. De repente, foram surpreendidos por uma onda gigante que virou o barco, e caíram à água. Tiago voltou à superfície, seguido de Coco, e começou a gritar:

– Menina, onde estás? Estás bem?

A menina respondeu que estava bem, e, então, nadaram até à outra margem do rio.

Ambos desataram a rir. A menina ainda tinha o guarda-chuva amarelo na mão. Quando se acalmaram, continuaram a viagem, tranquilamente. Por fim, chegaram a uma floresta. Deram 10 passos para a frente e 20 passos para a direita, e foi aí que encontraram uma pequena chave dourada. A menina

apanhou-a e explicou que era a chave para regressar ao seu mundo. Contou que tinha sido enviada numa missão à Terra, mas a chegada correra mal e acabara por perder a chave. Mas, agora, poderia voltar para casa.

Tiago acompanhou-a até à porta dourada. Abraçaram-se, e a menina do guarda-chuva amarelo deu-lhe um beijinho na bochecha. Quando introduziu a chave na fechadura, a porta abriu-se e, antes que a menina atravessasse, Tiago lembrou-se que ela nunca lhe dissera o seu nome, e gritou:

- Espera! Mas como é que te chamas?

- O meu nome é...!

- Tiago! Tiago, acorda! - chamou a mãe. Tiago olhou assustado em redor.

- Onde estou? Aonde está a menina do guarda-chuva? Ela estava a dizer-me o nome dela.

- Calma, filho! Foi só um sonho! - acalmou-o a mãe, e saiu do quarto, pois as torradas estavam a queimar. Tiago esfregou os olhos e levantou-se. Sentiu uma certa tristeza por ter sido um sonho. Inesperadamente, Tiago constatou que as botas de borracha estavam todas encharcadas e cheias de lama. E pensou:

“Terá mesmo sido um sonho?”

De uma coisa ele tinha a certeza. Nunca se iria esquecer dela, a menina do guarda-chuva amarelo.

Categoria: Juvenil-Adulto, níveis A1-A2

Autora: Chloé Carrière, França

O Renascimento

A Júlia era uma formiga muito empenhada que vivia num grande formigueiro chamado Lusomiga. Ela passava vinte horas do seu dia a trabalhar em equipa com as outras formigas, mas, desde há pouco tempo, ela não encontrava mais o seu lugar e parecia já não ter tanta vontade de trabalhar. Ela sentia-se desmotivada desde que a Cristiana, a sua melhor amiga formiga, ficou doente.

Apesar de o estado de saúde da sua amiga se agravar de dia para dia, a Júlia, devido ao seu trabalho árduo, nunca encontrava tempo para a ir visitar. No entanto, uma noite, ela decidiu não adiar mais e foi visitar a sua amiga. Durante essa visita, a Cristiana anunciou algo que a deixou em choque: apenas lhe restava uma noite de vida. Assim sendo, elas decidiram passar essa última noite juntas a relembrar os melhores

momentos que passaram na companhia uma da outra. Quando o dia nasceu, a Cristiana partiu para sempre. A Júlia ficou profundamente frustrada pelo facto de aquela noite ter passado tão rápido e de ela não ter podido partilhar mais momentos de amizade com a Cristiana. Este peso na consciência fez com que, desesperada, ela se desfizesse em lágrimas. A morte da sua amiga marcou assim o renascimento da Júlia, a formiga.

Na manhã do dia seguinte, ela decidiu partir para longe do formigueiro, longe do seu trabalho. O seu objetivo era ir até São Paulo. Ela caminhou sozinha durante muitas horas, sempre a culpabilizar-se por não ter convivido mais com a sua melhor amiga e por ter perdido tanto tempo a trabalhar. Infelizmente, ela já não podia fazer nada, já era demasiado tarde.

Chegada a São Paulo, ela parou debaixo de uma árvore e aproveitou para dormir um pouco. Três horas mais tarde, um estranho barulho fê-la acordar. Em sobressalto, ela abriu os olhos e viu diante dela uma larva chamada Anita. A Anita era uma larva formidável que tinha uma alegria e uma vontade de aproveitar a vida contagiantes. Ela desfrutava de todos os pequenos prazeres da vida: do buraco que, após a chuva, se transformava numa magnífica piscina até à folha de macieira que caía ao seu lado e sobre a qual ela podia descansar. Segundo ela, devíamos aceitar e apreciar cada presente que a vida nos dá!

Vendo a Júlia naquele estado, esta jovem larva perguntou-lhe delicadamente por que razão ela estava com um ar tão abatido. Contudo, a Júlia não se sentia capaz de se exprimir sobre o assunto. Então, a Anita decidiu levá-la a um sítio

especial de que ela gostava muito, de forma a alegrá-la um pouco e a compreender melhor a sua tristeza. Quando chegaram à Praia Grande, a Júlia ficou fascinada com a paisagem. Ela nunca tinha visto o mar. Após duas horas de caminhada, a Júlia decidiu contar a sua história à Anita.

– Sabes, gostaria tanto de ter tempo livre para admirar estas deslumbrantes paisagens! No meu formigueiro, todos os dias são dedicados ao trabalho. Isso é muito cansativo. Estou um pouco farta! Hoje, arrependo-me e penso em todas as horas que poderia ter passado com os que me são próximos, por exemplo.

– Sabes uma coisa, tu não és obrigada a nada. Olha, agora, estás aqui ao meu lado! Se te distanciares um pouco das tuas rotinas, vais-te aperceber de que a vida não é eterna e que... está fora de questão passá-la a trabalhar! Por favor, vem comigo descobrir o mundo, descobrir tudo o que está para lá deste mar imenso! Hoje, fiz o meu casulo. Daqui a três ou quatro dias, eu estarei de volta e pronta para começar a viagem!

– Ok, então! Marcamos encontro aqui na Praia Grande. Eu estarei à tua espera! Quatro dias mais tarde, a Júlia regressou à Praia Grande para se encontrar com a sua amiga, tal como tinham combinado. Qual não foi o seu espanto quando se apercebeu de que a Anita se tinha transformado numa magnífica borboleta!

– Então, sobe para as minhas costas, Júlia – disse a Anita.

A formiga, ainda perplexa, subiu para as costas da sua nova amiga, apesar de nem sequer saber onde é que esta a iria levar.

Após algumas horas de voo, a Anita exclamou:

- Júlia, finalmente chegámos! Apresento-te um dos mais belos países do mundo, Portugal!

- Ah, não acredito! Parece sublime!

- Vamos recomeçar as nossas vidas do zero. Aqui, tu não vais trabalhar mais e, a partir de agora, não vais perder nem mais um segundo da tua vida! Vais viver a vida com que sempre sonhaste!

A Júlia ficou tão comovida que não conseguiu conter a emoção. Este recomeço levou-a a pensar na sua amiga formiga e como ela gostaria de lhe contar toda esta aventura.

- O que se passa? Júlia, em vez de chorares porque a perdeste, debes ficar contente por teres tido a oportunidade de a conhecer e por teres podido partilhar momentos tão importantes e felizes com ela. Na vida, devemos sempre celebrar aquilo que tivemos ao invés de chorar por aquilo que perdemos!

A Anita e a Júlia foram muito felizes e passaram o resto das suas vidas a viajar pelos países lusófonos!

Autor: Tanguy Leveaux, França

Na onda da Esperança

Estava um lindo dia na ilha do Pico. O pequeno António e o seu pai Alfredo estavam, como todos os dias, a bordo do barco da família. O barco deles chamava-se “Esperança”. Os Gomes eram a família de pescadores mais conhecida do arquipélago dos Açores, e a tradição era transmitida de geração em geração. O seu pai Alfredo tinha aprendido a pescar com o seu avô José. E agora era a vez de o António aprender a arte da pesca. Era um orgulho para ele saber que, alguns anos mais tarde, iria ser o novo pescador da família Gomes.

Desde a sua infância, o António sempre adorou a sua ilha, o mar e a Natureza. Ele saía todos os dias da sua casa para admirar a paisagem. Ele podia sair dias inteiros sem se aborrecer, porque havia muitas coisas para apreciar: o azul do mar, o verde das pradarias e as cores deslumbrantes das hortênsias.

Durante os seus passeios, o António via pastores com rebanhos de vacas que pastavam tranquilamente sob o sol resplandecente. “A minha ilha é a mais bonita do mundo!”, pensava o António.

Estas são as palavras e as imagens que lhe vêm à cabeça quando se recorda desse tempo idílico. Contudo, agora, o António tem vinte anos e a vida não é a mesma de antes. Com a sua maturidade e com o aparecimento das redes sociais, novos e grandes problemas surgiram. Ele apercebe-se de que um deles acontece no seio da sua própria família. Os Gomes têm um ponto de vista muito tradicional e um pouco extremo, e a mãe do António, Maria, está a ser vítima de violência doméstica! Ela assume todas as tarefas domésticas e vende o peixe durante o dia, mas o pai Alfredo nunca está satisfeito. Ele bate-lhe frequentemente porque, segundo ele, há sempre alguma coisa que ela faz mal. O António fica profundamente revoltado com estas cenas de violência, mas ele sente que não pode fazer nada para mudar a situação, visto que isto sempre aconteceu na sua família.

Um dia, o António entendeu que a situação não ia melhorar porque o seu pai era muito teimoso e gostava de impor o seu poder sobre a sua pobre mãe. Isso não podia continuar mais! O António queria fazer alguma coisa, mas o quê?

Após alguns dias de reflexão, ele encontrou um plano! Ele ia evadir-se com a sua mãe querida a bordo do “Esperança”. Com os seus conhecimentos de navegação, ele sentia-se apto a ir até Lisboa com poucos problemas. O António pensou que Lisboa seria uma boa opção, pois era a uma boa distância do

seu pai e, por conseguinte, ele e a sua mãe estariam em segurança. Ele queria partir o mais rapidamente possível. “Eu só tenho de avisar a mãe”, pensou o António.

Chegou o dia D! Tudo estava pronto. A mãe fechou a porta de casa e a aventura ia começar. Os primeiros quilómetros eram simplesmente maravilhosos, porque o nascer do sol estava a iluminar o arquipélago dos Açores. O António sentiu-se adulto a pilotar sozinho o barco da família!

A viagem foi muito tranquila, pois o mar estava calmo. Eles chegaram a Lisboa na doca de Belém. Era a primeira vez que ele via a capital de Portugal. Tudo o que ele mais queria era visitar a cidade! A torre de Belém, o Cristo Rei, o Padrão dos Descobrimentos, a Ponte 25 de Abril, o Mosteiro dos Jerónimos e o Arco da Rua Augusta, ele queria ver tudo!

– António, temos de nos concentrar no que é fundamental. E, depois, eu prometo-te que vamos visitar Lisboa! – disse Maria.

– Sim, é verdade, o mais importante em primeiro lugar e só depois a diversão.

A primeira preocupação foi encontrar uma casa nesta cidade que ambos desconheciam. Ao fim de algumas visitas, a Maria e o António encontraram um espaço para se instalarem e recomeçarem as suas vidas. Felizmente, também encontraram um trabalho para enfrentar as despesas do quotidiano. As semanas passaram e, aos poucos, cada um deles se aclimatou a esta nova vida. O António e a sua mãe achavam que, para poderem ajudar outras pessoas, era necessário partilharem a sua experiência dramática e, então, decidiram publicar um texto para denunciar e lutar contra a violência

doméstica. O principal objetivo destes dois “forasteiros” era ler esse texto na rádio e fazer um vídeo para partilhar nas redes sociais, de modo a ter um grande impacto junto da geração mais nova. O problema não podia persistir!

As semanas que se seguiram foram incríveis! O vídeo dos Gomes teve muito destaque, tanto no Facebook como no Instagram, primeiro em Portugal e depois em toda a Europa! Muitas escolas, liceus e associações queriam ver o António e a Maria falar em frente de adolescentes, jovens e adultos sobre o tópico da violência doméstica, para explicar como é possível identificar os comportamentos violentos e quais seriam as possíveis soluções para este problema. Graças a todos os subsídios que eles receberam, uma nova associação chamada “Após a chuva vem o Sol” nasceu em Lisboa. O seu propósito era ajudar jovens e mulheres que são vítimas de violência a voltar à vida ativa. Além disso, outras atividades específicas para crianças eram oferecidas para construir um futuro melhor, mais justo e que respeitasse os direitos da mulher.

Um dia, um canal de televisão português enviou um *e-mail* ao António:

- Nós estamos muito interessados no vosso projeto e pensamos que seria uma boa ideia convidar-vos para participarem num programa de televisão durante o qual vamos discutir e debater sobre o tema da violência doméstica. Se vocês estiverem interessados, poderíamos marcar um encontro na sexta-feira às dezassete horas.

Incrível! Passar na televisão era um sonho do António, porque, graças a isso, uma grande parte da população portuguesa

e certas gerações, que não têm redes sociais, ficariam sensibilizadas com o seu discurso denunciador.

Era a sua primeira vez num programa de televisão, e ele gostou muito. Todas as pessoas foram muito simpáticas com ele e com a Maria. Eles foram maquilhados, vestidos e falaram com uma das jornalistas mais famosas de Portugal, a Clara de Sousa. Às oito da noite, começava o telejornal. Na primeira parte, eram apresentadas as notícias do dia e, na segunda parte, a Maria e o António iam falar como intervenientes convidados sobre a violência doméstica e a sua própria experiência. Tudo se passou na perfeição, e a jornalista ficou boquiaberta com a qualidade do discurso. No final das notícias, ela veio falar com eles e deu-lhes os parabéns:

- Vocês foram maravilhosos, eu estou certa de que o discurso vai ter um grande impacto junto da audiência!

- Muito obrigado. Sem vocês, isto nunca teria sido possível.

- De nada. Vocês são sempre bem-vindos e podem regressar quando quiserem.

O primeiro a reagir foi o pai do António, que viu as notícias nesse tal dia. Esta intervenção abriu-lhe os olhos em relação à sua própria vida, e ele ficou muito espantado pela qualidade do discurso. Ele sentiu-se muito orgulhoso do seu filho e da sua mulher. Ele nunca tinha tido consciência do problema, mas, a partir do momento em que eles fugiram, ele começou a refletir sobre as possíveis razões que os tinham levado a deixar tudo para trás. O Alfredo, muito perturbado, concluiu que, se ele os quisesse voltar a ver, teria de mudar o seu comportamento.

Portanto, no final do telejornal, ele ficou sentado no sofá e decidiu mudar radicalmente!

O pai partiu para Lisboa com a intenção de pedir perdão à sua família e, para isso, foi ter à associação onde se encontravam o António e a Maria, que ficaram boquiabertos. O Alfredo, consumido pelos remorsos, ajoelhou-se frente a eles, implorando pelo perdão e prometendo que nunca mais voltaria a agir daquela maneira. Vendo a sinceridade nos seus olhos, a sua mulher e o seu filho perdoaram-no. O Alfredo abraçou-os com muita ternura e, com lágrimas nos olhos, gritou do fundo do coração:

- Porque é que os homens seriam 'superiores' às mulheres? Homens ou mulheres, todos podem levar o barco a porto seguro...

Categoria: Juvenil-Adulto, níveis B1-B2

Autora: Emma Faure, França

O bunker de todos os segredos

Março de 2331: 37.^a Guerra Mundial Calheta de São Miguel,
Cabo Verde

“ – Pan, pan, pan!

– Nada a assinalar!

– Estamos a ir, o caminho está livre! Não desistam! É a nossa oportunidade de derrotar o inimigo. Têm ordem para atirar, logo que avistarem um dos soldados inimigos!

Armada com a minha espingarda, caminho em frente sem olhar para trás. Rodeada pelos meus camaradas, sinto-me invencível! De repente, ouve-se o barulho de balas. Esse barulho vem de frente e não de trás. Talvez venha da esquerda...

– Abriguem-se! Eles armaram-nos uma armadilha! Fugam!

– Estamos condenados!

A situação rapidamente se torna confusa. O barulho das balas é cada vez mais forte. Mal tenho tempo de perceber o que está a acontecer, e os meus camaradas estão a ser abatidos um a um. É um banho de sangue! Sinto uma dor terrível na perna esquerda. Fui atingida.”

Uma sirene soa. Acordo em sobressalto e completamente suada. Outra vez o mesmo pesadelo. Recupero os sentidos e olho para o meu despertador. São cinco e vinte e sete. “Quarenta e cinco minutos mais tarde do que ontem”, pensei eu. A minha mãe entra repentinamente no meu quarto e grita-me para eu me despachar. Então, saio rapidamente da cama, enfio umas calças, calço os sapatos e pego na mochila que estava pousada na cadeira do meu escritório desde a última vez em que a sirene tocou. Vou ter com a minha mãe à sala de estar, e ela parece-me bastante aflita. Ela vasculha todos os recantos à procura de alguma coisa. Pergunto-lhe o porquê de ela estar a agir assim. Ela responde-me que perdeu os medicamentos da minha irmã. A minha irmã mais nova está doente; ela sofre de Krizern 301. Esta doença espalhou-se pouco depois da 35.^a guerra. Diz-se que foi a Suíça que deixou escapar um vírus de um dos seus laboratórios de modo a enfraquecer o campo adversário. Quem me dera que esse vírus não tivesse contaminado o mundo inteiro. A doença não era fatal, mas muito limitativa. Uma pessoa doente pode viver normalmente, caso tome quatro comprimidos por dia. A minha irmã não conseguirá sobreviver até ao final deste dia sem a sua medicação. O tempo voa. Já são cinco e quarenta e cinco. O *bunker* encontra-se a uma hora a pé. Nós, assim como todos os jovens,

temos de lá chegar até às sete, senão as portas estarão fechadas. A ideia de ficar encerrada no exterior, exposta às batalhas, e descobrir quem são os soldados que combatem, não me desagrada. Pelo contrário, até fico entusiasmada com essa ideia. Acho até que é por essa razão que eu sonho com isso todas as noites.

– Anda lá, mãe, eu vou encontrar os medicamentos e depois vou ter convosco.

– O que é que estás a dizer?! Não, nós não nos devemos separar!

– Se continuarmos a procurar, nenhuma de nós chegará ao *bunker* antes da fatídica hora. Tu sabes que refugiarmo-nos no *bunker* é a única maneira de salvarmos as nossas vidas. Eu vou procurar o medicamento da Carla e, logo que o encontre, vou ter convosco. Corram rápido, pois o tempo passa depressa!

A minha mãe acaba por aceitar. Bem vejo que ela está reticente quanto a essa ideia, mas nenhuma outra solução é possível, dada a emergência. A minha mãe e a minha irmã puseram-se a caminho. São seis e cinco.

Ainda não encontrei os medicamentos. Onde é que eles poderão estar? São seis e trinta e um. Finalmente, encontrei-os. Só tenho precisamente vinte e nove minutos para chegar ao abrigo. Coloco os medicamentos na mochila. Saio de casa e começo a correr. Já não está quase ninguém nas ruas. Parece um deserto. É a primeira vez que vejo isso. Começo a ficar sem fôlego. Olho para o meu relógio. São seis e cinquenta e um. Já percorri mais de metade do caminho. Uma sirene soa. São sete e cinquenta e cinco. Tenho de entregar os medicamentos

à minha irmã. Estou no limite das minhas forças. Gotas de suor escorrem pelo meu rosto. Uma segunda sirene soa. São sete em ponto. Continuo a correr desesperadamente. Finalmente, chego ao *bunker*. São sete e três. As portas já estão fechadas. Começo a gritar.

- Abram-me a porta! Por favor, abram-me a porta! Tenho de entregar estes medicamentos à minha irmã.

Parece que ninguém me está a ouvir. Por amor de Deus. Os confrontos ainda não começaram.

Continuo a gritar durante algum tempo. Em vão. Olho novamente para o meu relógio. São sete e onze. Apercebo-me de que já ninguém me virá abrir a porta. Agora, só me resta encontrar um abrigo. Tenho duas opções: fugir da cidade e ir para a floresta ou então exatamente o contrário. Refleti um pouco e optei por regressar à cidade. Lá, encontrarei um esconderijo mais seguro. Na floresta, serei um alvo fácil. O tempo foge-me por entre os dedos. Tenho de me abrigar o mais rápido possível. Caminho então rumo à Calheta de São Miguel. Chegada às portas da cidade, tento passar despercebida. Não vejo ninguém e não ouço nenhum barulho. Parece que as hostilidades ainda não começaram. Fico mais tranquila e digo a mim mesma que terei tempo para me esconder. Avisto um café. A porta parece estar aberta. Provavelmente, devido à fuga precipitada dos seus ocupantes. Entro e subo instintivamente para o primeiro andar, pensando que lá estarei mais segura. Assustada pela situação, encolho-me num cantinho da divisão antes de fechar as cortinas. Os minutos parecem uma eternidade. A pressão que eu sinto diminui e apercebo-me do

silêncio que reina lá fora. Após muito esperar, olho para o meu relógio. São nove e cinquenta e cinco. Não tinha imaginado que tanto tempo tinha passado. Por que razão nos pediam para ir para os abrigos tão cedo, se nada acontece cá fora? Soam as dez horas e, de repente, ouço vozes. Rastejando sorrateiramente até à janela, tento entender o que se está a passar.

– Tens a certeza de que marcámos para as dez da manhã, Aldo?

A voz deste homem é trémula. Ele já parece ter uma certa idade. Fico surpreendida que ele tenha sido chamado para combater. Talvez seja uma exceção.

– Sim, Roberto, é porque tivemos atrasos na entrega do material.

Este outro homem parece ser da mesma idade. Como é que, com esta idade avançada, podem ser eles os combatentes? Além disso, eles são apenas dois. Se calhar, eles afastaram-se das suas unidades. Curiosa, abro discretamente as cortinas. Fiquei boquiaberta ao ver que eram dois velhinhos. Podiam ser meus avós. Um tinha um boné e o outro era quase careca. Ambos estavam vestidos com uniformes brancos.

De onde estava, ouvi a seguinte conversa:

– Ok, acho que todos os jovens já estão a salvo, Roberto. Assim sendo, podemos começar a aplicar os produtos químicos necessários para desinfetar todas as superfícies exteriores ao *bunker*!

– Boa ideia! Deste modo, os nossos descendentes poderão viver uma vida mais calma e desfrutar dos pequenos prazeres do quotidiano.

- Sabes, Roberto, apesar desta tragédia, pela primeira vez na vida sinto-me útil à sociedade. Graças a nós, os mais velhos, os nossos filhos e netos poderão viver em segurança e, pouco a pouco, recuperar a saúde e alguns dos seus hábitos.

- Tens toda a razão! Os meus netinhos estão mortos por poderem regressar à escola, e do que mais têm saudades os meus filhos é de poderem ir novamente jantar a um restaurante ou ir ao café. Na verdade, eles apenas ambicionam voltar a poder ter a liberdade de viver.

- Vamos lá despachar-nos para podermos reabrir as portas do *bunker* daqui a dez minutos. Tudo tem de ficar limpinho! Tenho fé de que, graças a este nosso esforço, um dia, o vírus vai desaparecer das nossas vidas. Depois de ouvir estas palavras, lágrimas escorreram-me pelo rosto. Afinal, são estas pessoas incógnitas que se sacrificam todos os dias pelo nosso bem-estar. Será que devo contar aos outros o que se passa cá fora? Talvez não. Talvez estas pessoas prefiram permanecer no anonimato. Sendo assim, decido guardar este segredo só para mim. A sirene soa. Ainda vou a tempo de levar os medicamentos à minha irmã. Sem refletir, começo a correr em direção ao *bunker*, onde reencontro a minha mãe e a minha irmã. Abraço-as com muita ternura. Nesse momento, ao olhar para todos aqueles jovens que lá se encontram, apenas me vem à cabeça a imagem daqueles dois idosos que tinha visto mais cedo; daqueles super-heróis que sacrificam a sua própria vida para salvar o nosso futuro.

Autor: João Pedro Gomes Nogueira Monteiro, França

Licor de livros

A única coisa que detesto é falar de mim; prefiro ficar no meu canto, quieto, sozinho, mas hoje vou ter de falar de mim, do meu “segredo”! Não é fácil falar de algo que não parece verdade, em que ninguém acredita, que só eu sei e mais ninguém sabe!

Mas, como se diz na minha terra, “comecemos pelo princípio”.

Artur, 36 anos, contabilista, sou um “gajo” dos números. Eu sei, até aqui nada de especial. Sou um tipo banal, normal e sozinho, e é assim que gosto de ser visto e tratado pelos demais. Há quem me veja como um “rato dos números”, se calhar e também pelos meus óculos “lentes de garrafa”, mas, digo-vos, sou muito mais que isto, considero-me um grande produtor desde os meus 17 anos de idade. Mas, já lá vamos.

Nasci no Porto, em maio de 1987, mais propriamente no final da tarde do dia 27. O meu pai queria chamar-me Madjer, mas não seria fácil fazer passar um nome desses no registo civil. Já perceberam porque me chamo Artur, o grande Artur, o Rei Artur, mas juro-vos que nunca tive bigode. Sim, também por isso, e como dizia o grande capitão João Pinto, o meu coração só tem uma cor, Azul e Branco!

Não vos vou, com certeza, conseguir fazer passar a ideia do que é ser filho de dois contabilistas, mas acreditem que não é fácil. Nasci, cresci e praticamente vivi toda a minha vida no meio dos números, e os meus pais fizeram questão de quase me obrigar a ser contabilista. Podia ter sido economista, mas, mexer mesmo nos números, é na contabilidade. Papéis atrás de papéis, calculadoras, folhas de cálculo com fórmulas informáticas, impostos, bancos, fornecedores, clientes, irra!, cabo das visitinhas. A juntar a tudo isto, a óbvia concentração mental e o desgaste a que este ofício obriga.

Quando era miúdo, apontava as matrículas dos carros, despachava todas as contas dos manuais que os professores pediam para as férias, na primeira semana, cantava a tabuada enquanto a escrevia num quadro que os meus pais me tinham oferecido para que pudesse fazer cálculos, escrevia números seguidos em cadernos que os meus pais guardavam religiosamente para mostrarem aos amigos de forma vangloriosa. Tirava os meus apontamentos num enorme caderno de diário que o meu pai me oferecera pelos meus 10 anos. Aos 12, no meu bolso, enquanto alguns amigos meus tinham os seus primeiros jogos eletrónicos, eu fazia passear uma calculadora de

câmbios que existia aquando da chegada do Euro. Acreditem! as miúdas adoravam.

Não digo com isto que não goste do que faço, mas, assumo, sou um tipo dos números apaixonado pelas letras.

Passo a explicar esta minha paixão, e para isso irei falar-vos do meu avô. As memórias mais nítidas que tenho da minha infância são com o meu avô, de passar tardes com ele no quintal de nossa casa.

No Porto, sempre chamámos quintal ao jardim, nunca percebi porquê! Tinha uma japoneira grande que, durante a primavera, ficava carregada de camélias cor-de-rosa, enormes e bonitas, enchendo de cor aquele bonito quintal.

Mas voltemos ao meu avô! O meu avô perdeu, já com idade avançada, a visão, devido à diabetes, e se havia coisa que me “exigia” era a de descrever de forma minuciosa tudo o que eu via naquele jardim para a sua memória visual continuar a trabalhar. Pedia-me sempre para lhe ler, com aquele enorme sorriso que irradiava da sua face, jornais, livros, revistas... Sempre tive a certeza que o facto de não poder ler era o maior peso, era a sua maior tristeza.

E foi aí que começaram os meus problemas. É de fácil compreensão perceber como aquelas leituras me fizeram apaixonar – e de que maneira – pelas letras. Fui leitor e narrador até aos meus 16 anos, vivi com o meu avô tantas histórias, mudamos juntos tantas vezes de cidade, de país e até para novos mundos fomos, éramos espiões, corredores de automóveis, polícias e, por vezes, até ladrões! Vivemos tanta coisa diferente e nem do sítio saíamos.

A última frase que o meu avô me disse foi: “Nunca deixes morrer as nossas aventuras.” Faleceu em junho de 2003 e foi um dos piores dias da minha vida.

Continuei a ler. Não era a mesma coisa, era diferente. Não tinha comigo o meu companheiro de aventuras, mas ia manter a minha promessa. Sempre acreditei que ele estaria colado em alguma estrela a olhar por mim e pelos meus.

Mas finalmente posso contar-vos o meu segredo!

Era o dia 12 de dezembro de 2004. As notas do primeiro trimestre não tinham sido as melhores, e podem imaginar a reação dos meus pais. Naquele final de tarde, estava eu sentado no quintal a ler, ou melhor reler, *O Príncipezinho*, um dos livros favoritos do meu avô, quando fui interrompido pelos meus pais - na altura, a forma como discutiram comigo magoou-me por demais; hoje consigo até compreender, mas sei que nunca mereci o castigo que me foi imposto: ter de deixar de ler! Lembro-me de entrar a correr na casinha que tínhamos no fundo do quintal e pousar a correr o livro no antigo alambique do meu avô, com o coração apertado e de lágrimas nos olhos.

Para a malta dos números, ler sempre estive mais ligado à leitura técnica, plano oficial de contabilidade, livros sobre impostos, coimas e outras coisas maravilhosas como estas. Ler livros é lazer ou *hobby* ou outra coisa bem distante dos números.

Pelo menos, o final do dia foi fabuloso, mas também estranho; o meu Porto foi campeão do Mundo pela segunda vez, o que melhorou por demais a disposição lá em casa, mas,

quando íamos sair para ir festejar na Baixa da cidade, caiu um autêntico dilúvio, trovoada, chuva da grossa, um horror e... ficamos por casa.

No dia a seguir fui o primeiro a entrar na casinha do quintal. O vento da noite anterior tinha levantado até um pouco do telhado, e que inundaçãõ! Até metia dó tanta coisa molhada, e o livro! Que tristeza! Estava em papas, impossível de o recuperar, mas qual não foi o meu espanto quando olhei para a parte de baixo do alambique e vi letras a boiarem num líquido tão estranho e com meia dúzia de cores. Ainda hoje me pergunto porque o fiz, mas decidi beber um gole. O sabor era horrendo, mas a verdade é que o conteúdo era maravilhoso. O livro tinha-se transformado num licor de palavras, ordenadas no mesmo seguimento da história que tão bem conhecia.

Achei, na altura, algo fantástico, mas facilmente percebi que era um sinal do meu avô para que eu nunca desistisse de continuar a ler, fosse da forma que fosse, e para que nunca deixasse morrer cada uma das aventuras que juntos tínhamos vivido.

Eu sei, não acreditam! Por isso não o conto a ninguém, mas foi nesse dia que decidi começar a produzir licor de letras ou licor de livros, ou o que lhe queiram chamar. Obviamente, com o correr do tempo, fui fazendo algumas alterações no sentido de melhorar o “produto”.

Hoje, à água tépida junto sempre uma peça de fruta, para dar um pouco de cor e sabor, e o livro que utilizo para fazer a destilação é sempre novinho em folha. Junto 125 gramas de açúcar, e o resultado é um licor recheado de histórias e aventuras e ainda por cima sem álcool!

Um pormenor: não façam isto em casa. O segredo está no alambique; só funciona no do meu avô.

Pouca gente conhece este meu segredo, mas vou confessar-vos uma coisa: há dois anos, quando tivemos aquela malvada pandemia, distribui o meu “licor” em diversos hospitais e lares de terceira idade a pessoas que estavam infetadas com a COVID. Sobreviveram todas, e houve algo que nunca mais me irei esquecer: o sorriso de cada pessoa fazia-me lembrar o sorriso do meu avô.

Agora peço-vos para guardarem este segredo também. Um brinde a todos vós, aos vossos sonhos, às aventuras e... ao meu avô.

Categoria: Juvenil-Adulto, níveis C1-C2

Autora: María Inés Simon, Argentina

Além das fronteiras

Deixar para trás a nossa terra não é tarefa fácil. Não sei se existe idade certa para isso. Alguns acham que as crianças sofrem menos, pois têm aquele incrível poder de adaptação. Quando abandonei Portugal, tinha acabado de fazer doze anos, frequentava uma boa escola e, como todo o ‘adolescente’, encontrava em meus amigos aquele portal seguro. Embora fosse ficar longe por alguns meses, minha despedida foi como de quem jamais voltaria. Para alívio do meu pai e sua nova família, tinha decidido acompanhar minha mãe.

Chegámos ao Líbano no mês do Ramadã. No aeroporto de Beirute, um homem segurando um cartaz aguardava nossa chegada. Mais tarde, soube pela minha mãe que se chamava Amir e que seu inglês não era muito bom, mas que sua agradável conversa tinha feito com que a viagem até ao vale

parecesse ainda mais curta. Confesso que não lembro nada além de ficar grudada na janela do carro contemplando a paisagem, uma área de verdes cultivos entre vales e montanhas. O vale de Bekaa fica a uns 30 km a leste da capital. É a região agrícola mais importante do Líbano, famosa pelos seus vinhedos e suas ruínas arqueológicas. Mas, longe daquele cenário turístico, sobrevive parte dos mais de um milhão de refugiados sírios que abandonaram o país com o início da guerra. Localizado na periferia, o campo de Bekaa abriga ao redor de 150 famílias, a maioria, crianças.

No momento em que o carro se deteve, vieram à minha mente todas aquelas imagens e histórias que minha mãe me contara. Tínhamos lido e conversado bastante sobre o que significa ser um refugiado, das condições nas quais vivem e dos perigos que se enfrentam à procura da paz, mas, estar diante daquela realidade me fez pensar quão afortunadas somos. Preferi ficar do lado de fora da barraca, enquanto minha mãe se apresentava aos outros voluntários. De longe avistei as primeiras crianças, brincando no que parecia ser um carrinho de puxar. Fomos convidadas para arrumar nossos pertences num quarto alugado a uns cinco quarteirões dali. Essa noite, enquanto caía no sono, lembrei-me das minhas amigas, minha vizinhança, minha vida em Portugal.

Na manhã seguinte, estávamos prontas para começar o dia. Minha mãe fora designada para trabalhar na escola que, com auxílio de doações e trabalho voluntário, tinha sido montada no campo. Algumas poucas mesas e um velho quadro lembravam uma sala de aula. A estrutura da barraca, feita de

uma espécie de sombrite, e o chão de terra me fez questionar sobre o que aconteceria quando a chuva surpreendesse. Alunos de todas as idades compartilhavam o local. Soubemos depois que algumas das crianças não frequentavam a escola há mais de dois anos, quando os bombardeios na Síria já não permitiam sair de casa. Diante de tantas perdas, o espaço representava para muitos uma oportunidade para recomeçar. Ali melhoravam seu inglês e praticavam algo de matemática. Mas a hora da qual eu mais gostava era aquela em que minha mãe me pedia para entregar uma folha branca a cada um dos alunos; era o momento dedicado às artes, a oportunidade de expressar por meio de um desenho tudo aquilo que, às vezes, tornava-se impossível de colocar em palavras. E aí estava ela, a única da qual retirava a folha em branco, uma menina de olhar baixo de quem não se costumava escutar a voz. Mas ela não faltava um dia sequer, mesmo que sua presença tivesse gosto de vazio.

Naquele dia tive dificuldades em sair da cama. Minha mãe chegou a se preocupar, não só com minha saúde, mas, principalmente, com meu estado de ânimo. Talvez estivesse começando a sentir falta do meu lar. Para a aula de arte daquele dia, tinha decidido levar minhas canetinhas e algumas aquarelas para compartilhar. Como sempre, minha mãe pedia para entregar as folhas. Esse era o meu momento, me sentia importante diante do olhar de todos, menos da menina dos olhos baixos. Mas, mesmo que ela decidisse não mexer na folha, eu a entregaria, como sempre fazia. No instante em que chegava perto, eu tropecei e deixei cair as folhas. Ela então começou

a juntá-las. Um tanto surpresa, me apressei para agradecer. Ela me olhou e sorriu. Foi ali que eu percebi que tinha falado em português, e sorri também. Quando regresssei no outro dia, eu estava confiante em que voltaríamos a falar, mesmo que fosse pouca coisa, mas, à medida que o tempo passava, minhas ilusões começavam a desmoronar. De repente, ouvi sua voz perguntar sobre nossa língua. Senti-me feliz por novamente. Sem resposta, ela então voltou a perguntar, e eu, orgulhosa, respondi que era português. Quando comentou que a sua era o árabe, falei que tinha ouvido que se escreve ao contrário, ela sorriu. Eu tinha falado sem pensar. Comecei a imaginar o difícil que seria aprender essa língua e sugeri, então, que ela poderia me ensinar, e eu lhe ensinaria português. Talvez eu tenha insistido muito, pois ela acabou aceitando. Ao nos despedirmos, percebi que não tinha perguntado seu nome e decidi logo me apresentar, seu nome era Kalila.

Precisávamos encontrar um bom lugar dentro do campo, onde ficar sossegadas para evitar sermos interrompidas. Quando comentei com a Kalila, ela disse que conhecia o lugar perfeito, perto de uma árvore de onde a vista era maravilhosa. Ficámos um tempo em silêncio, só contemplando o verde horizonte das plantações. “Se você consegue escrever em árabe, não vai ter problema nenhum com a cedilha”, eu interrompi. Ela me olhou sem entender, e sorrimos juntas. Essa tarde e as que seguiram marcariam minha vida para sempre, não só porque descobri que o árabe é uma língua quase impossível de decifrar, mas também porque existem histórias além das fronteiras que merecem ser contadas, e a dos refugiados é uma delas.

Uma tarde, quando voltávamos da árvore, fui convidada para entrar na barraca onde a Kalila morava com seus tios e primos, ao todo, nove pessoas. Seu pai morrerá numa explosão voltando do trabalho, sua mãe, grávida de alguns meses, pisara uma mina terrestre enquanto atravessavam a fronteira. Feito tapetes, uns colchões tentavam ganhar espaço naquele chão imundo, um do lado do outro. Mais adiante, um pequeno fogão improvisado. A tia da Kalila conta que não tiveram escolha: era sair do país ou ficar para morrer. Já não existia segurança, os bombardeios eram constantes e não distinguiam crianças de adultos. A Kalila se lembrou da sua casa. Contou que eles mesmos plantavam e colhiam os vegetais, tinham animais. Ela ia à escola. Mas perderam tudo para o fogo; sequer tinha conseguido pegar uma das suas bonecas, para quem sua mãe costurava lindos vestidos.

As nossas aulas de línguas tornavam-se cada vez mais produtivas. A Kalila tinha feito mais progressos com o português do que eu com o árabe, e não tinha sido por acaso que entre tantas palavras da nossa língua se apaixonara por uma, saudades.

O início do outono anunciava nossa volta para Portugal. Com a Kalila, tínhamos evitado falar sobre isso, mas sabíamos que chegado o momento teríamos de dizer adeus. Nunca me esquecerei daquele dia. Já tinha falado com minha mãe sobre a possibilidade de levar ela conosco. Sabia que não seria fácil, mas talvez não tão impossível assim. Amir, aquele mesmo motorista que nos trouxera, seria o encarregado de levar-nos ao aeroporto de Beirute. Enquanto ele colocava nossos pertences no porta-malas, minha mãe se despedia dos outros

voluntários. Seria difícil para ela também, tinha feito grandes amigos aqui. Muitas pessoas tinham vindo se despedir, mas, entre elas, eu só procurava a Kalila. Mas ela não veio, e precisávamos partir. Quando subíamos no carro, senti alguém segurando minha mão; era a tia da Kalila. Um bilhete. Ela tinha enviado um bilhete. “Por que ela não tivera a coragem de vir, a nossa amizade não seria tão importante assim?”, pensei indignada. Mas logo compreendi que nem sempre nos acostumamos com as perdas. Pedi para a tia que dissesse a Kalila que eu voltaria por ela.

Caminho ao aeroporto, só silêncio. Desta vez, minha mãe não falou com Amir. Nós já não éramos as mesmas, porque ninguém fica igual quando vivencia uma realidade como essa. Voltei a pensar em quão afortunados somos. Talvez não tenha aprendido muito de árabe, mas aprendi a melhor lição de todas. Além das fronteiras, tem um mundo que nem sempre é justo, tem pessoas precisando da nossa ajuda, muitas delas crianças, tem histórias que merecem ser resgatadas, merecem ser mudadas.

Olhei o bilhete, pensei na Kalila, o abri, só uma palavra dizia: saudades.

Autora: Louise Lesage, França

Rosa-azulado azul-rosado

Mariana era uma garotinha agitada que brincava muito e não podia ficar parada. Ficava horas trancada no quarto, e só saía de lá quando chamavam-lhe para comer. Gostava de brincar com suas bonecas, cuidando delas com muito carinho; dava-lhes o banho, cantava músicas para adormecê-las, preparava a mamadeira e a comidinha com o fogão de brinquedo que sua avó tinha-lhe dado pelo Natal.

Seus pais achavam-na muito responsável e diziam-lhe que, no futuro, ela seria uma ótima mãe-esposa. Mariana dividia o quarto com sua irmã mais velha. Quando mais novas, as duas conversavam muito antes de dormir, depois de o pai contar sua história habitual e apagar as luzes. Elas então ficavam olhando para o teto rosa do quarto, enquanto uma delas contava uma anedota, e só paravam quando o sono chegava. Com

o passar dos anos, Mariana continuou ainda a observar todas as noites o teto rosa do quarto, porém, ela não ouvia mais aquela voz suave da sua irmã contando-lhe seu dia na escola. A garotinha já sabia agora como era a escola: as aulas longas e entediadas; a felicidade dos alunos, quando chegava a hora do recreio; as meninas jogando amarelinha¹ e pulando corda de um lado do pátio, enquanto os meninos corriam atrás da bola... Ela não precisava mais ficar imaginando aquilo através das descrições da irmã.

Na escola, Mariana gostava bastante de brincar com suas amigas, mas gostaria ainda mais de jogar bola como os meninos jogavam no recreio. A única ocasião em que a menininha podia jogar bola era durante as aulas de esporte. Ela então aproveitava e apreciava aqueles raros momentos, pois não sabia se poderia voltar a jogar fora das aulas. Nunca tinha visto uma menina brincar com uma bola. O único esporte que Mariana praticava era dança clássica, pois seus pais queriam que ela praticasse uma atividade física e a inscreveram na mesma atividade da sua irmã. Às vezes, em algumas aulas, ela via um menino vestido com o uniforme de sua escolinha de futebol, com meias que subiam até aos joelhos, uma bermuda e uma camiseta larga com o nome do time estampado no peito. Esse menino ficava observando Mariana enquanto ela dançava, e a garota ficava com inveja dele, pois preferia jogar futebol a dançar com aquela saia curta demais e aquelas sapatilhas muito apertadas. Ela ficava então olhando para o garoto, tentando

¹ Brincadeira infantil que consiste em saltar casas numeradas após o lançamento de uma pedra ou pequeno objeto achatado.

ver se conseguia de algum jeito, com poderes mágicos talvez, trocar de lugar com aquele menino que jogava futebol.

Bruno era um garotinho calmo e tímido, que não dava muito trabalho aos pais. Ele era discreto e não se metia em muitos problemas. Durante a tarde, ele ficava lendo histórias em quadrinhos que seus amigos lhe emprestavam, nas quais existiam super-heróis muito fortes e com poderes mágicos capazes de salvar o mundo de uma catástrofe. Porém, durante a noite, o menino ficava lendo escondido no seu quarto azul, os livros de princesa que pegava no quarto da irmã, quando ela não estava em casa, e os devolvia no dia seguinte antes de ir para a escola.

Na escola, ele jogava bola com os amigos durante o recreio. Porém, o sonho dele era brincar com as bonecas das meninas, e ficava observando-as discretamente. Ele tinha um segredo que ninguém sabia, nem seu pai, nem sua mãe, nem seus amigos. Depois de treinar futebol, ele fazia um desvio antes de voltar para casa, e passava pela academia de dança, observando as bailarinas. Ele não ficava ali para observar o corpo das meninas, como ele sabia que alguns meninos perversos mais velhos faziam. Ele ficava observando as roupas, os cabelos compridos presos num coque e, principalmente, aquela atividade que ele sonhava praticar. As únicas vezes que Bruno tinha vestido uma saia ou um vestido foi quando pegou, mais uma vez escondido, as roupas da irmã. A irmã também era aluna da academia de dança, mas não no horário em que ele por lá passava. Naquele horário, havia uma menina que às vezes retribuía seu olhar. Ela tinha mais ou menos a sua idade

e um olhar forte e determinado. Eles se encaravam durante longos segundos, e o menino tentava ver se tinha algum jeito, talvez com poderes mágicos, igual aos super-heróis de suas histórias em quadrinhos, de trocar de lugar com aquela menina que dançava...

